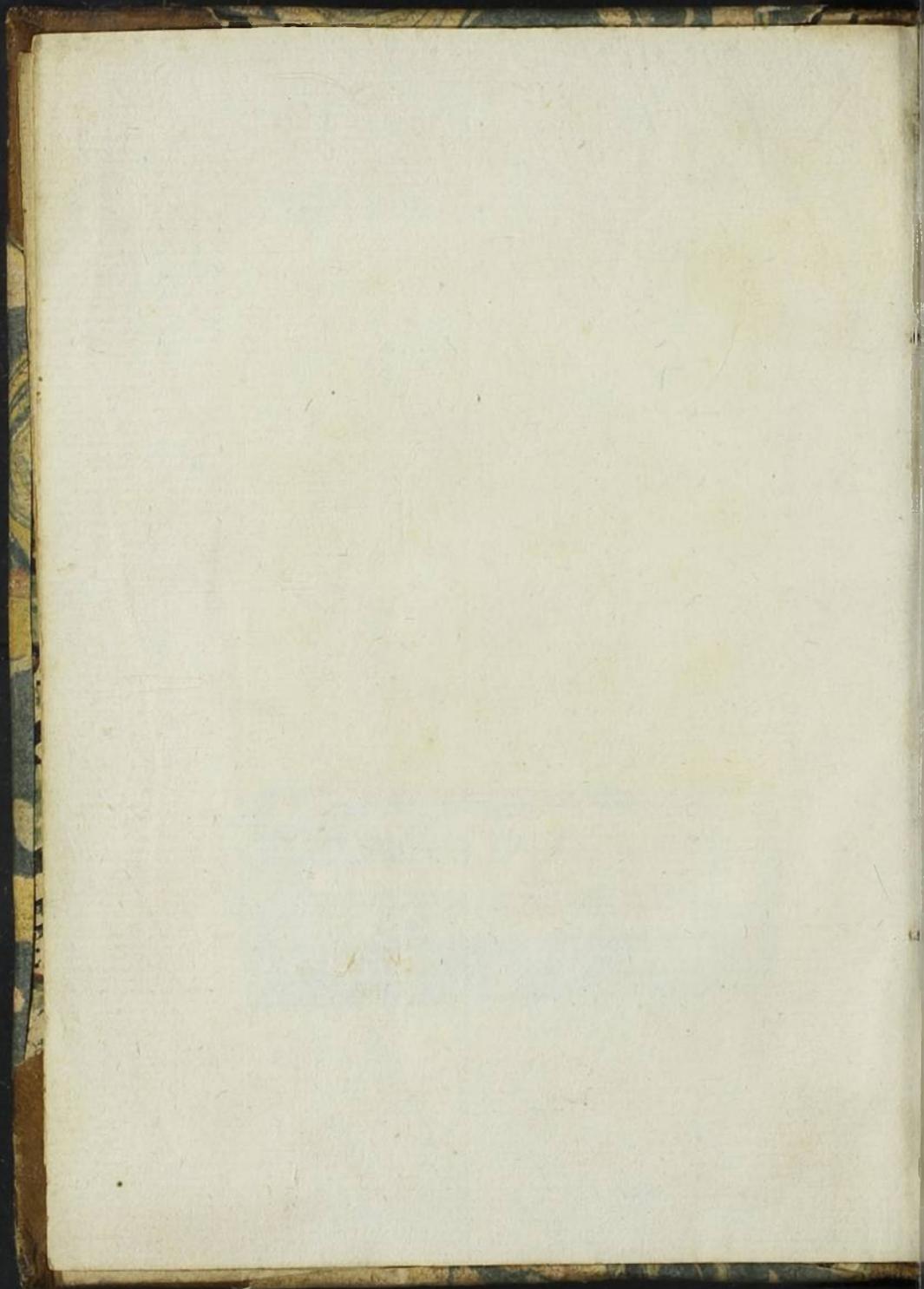
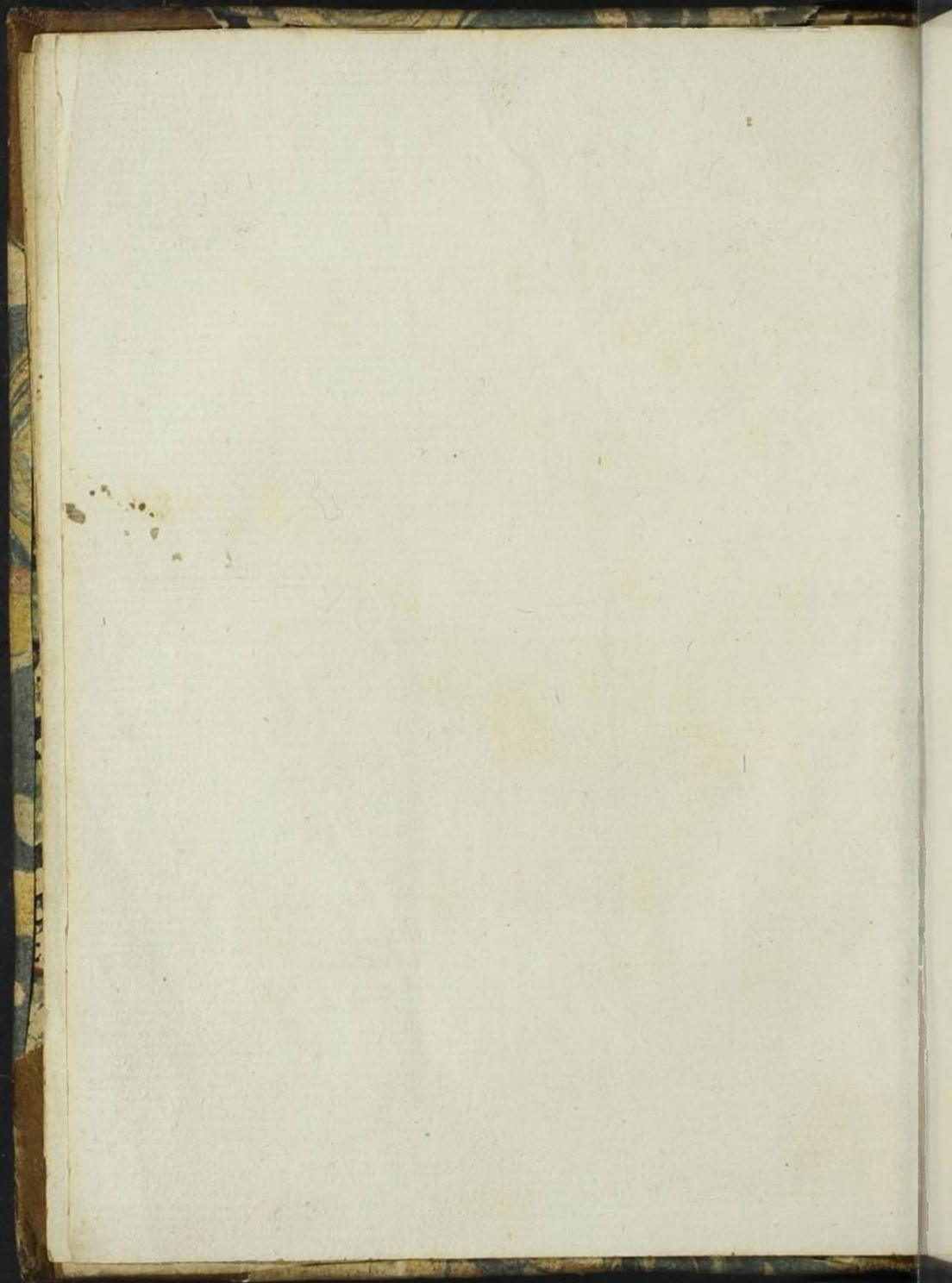


Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin





ALMANAK
DAS
MUSAS,

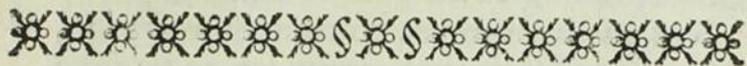
NOVA COLLEÇÃO
DE POEZIAS.
OFFERECIDA
AO GENIO PORTUGUEZ.
PARTE III.

Alto



LISBOA:
Na Offic. de JOÃO ANTONIO DA SILVA,
Impressor de Sua Magestade,
A N N O M. DCC. XCIII.
Com licença da Real Mesa da Commissão Geral
sobre o Exame, e Censura dos Livros.

Nem sempre haõ de occupar serios cuidados
Da nossa vida os dias pressurosos:
Hajaõ tambem prazeres misturados.



TRADUCCÃO

D A

ODE I.

DE HORACIO

A

MECENAS

*Em que o Poeta mostra dezejar só a gloria
da Poezia , principalmente da Lyrica.*

OUve, ó Mecenas, que de Reis descêdes,
Tu que me honras , tu que me defendes :
Ter de Olimpico pó cuberto o rosto
Em honroza carreira he d'huns o gosto :
Girando em torno a perigoza meta
No veloz carro o destro , o forte Athleta
Sem que as rodas lhe toquem , se asignala ;
E esta victoria aos Deozes os iguala.

A este á que os Romanos inconstantes
Daõ á cinte os empregos mais brilhantes ;
A'quelle que em celeiros mil recolhe,
Quanto nas Africanas eiras colhe

Satisfeito em cavar, e costumado
Nos patrios campos có rompente arado,
Se em Cypria não convidas ao undozo
Már Egèo turbulento, e perigozo,
Nunca do seu estado os inquietas,
Bem que as riquezas d' Atalo prometas.

Em quanto có as Icarías ondas luta
O africo vento, tímido se escuta
O Mercador louvar apaz, que goza
A campina da Patria deleitoza.
Eis chega ao porto, as Náos reforma á preça,
Receia que em miseria alí pereça.

Sacrificão alguns parte do dia
Ao doce vinho, que a Campania cria
Ora na verde relva reclinados,
Junto da branda fonte, ora sentados.

Do Campo Marcial a rica pompa,
E o mixto som da clarineta, e trompa
Agrada a huns, a quem a guerra agrada,
Pelas Mays sempre, e sempre detestada.

Ao caçador nem lembra a terna Espoza
Velando em noite frigida, e chuvoza:
Ou porque os fiéis cães co' a corça deraõ,
Ou porque a rede os Javalis romperão.

(5)

A era , que honra o fabio , esta semente
Entre os Deozes me põe : fujo da gente
Ao frio bosque a ouvir suaves coros
Das Ninfas , e dos satiros feroros ;
Quando a tocar o Lybico alaude
Polimnia inspire , e Euterpe a flauta ajude.
Se entre os Liricos vates me numeras ,
Eu subirei ás luzidas espheras.

D. C. B.



L E B R E I D A
 O U
 C A Ç A D A R E A L
 D A S
 L E B R E S.

I.

EU canto a Magestade, o Fausto, a Pompa,
 Com que ví o meu Rei aquelle dia,
 Que ao som festivo de doirada trompa
 Seu leal Povo a ve-lo concorria.
 Ninguem a terra pize, ou o mar rompa;
 Q' a ouvir-me não se encha d'alegria;
 Como se enchera de alegria, e espanto
 Quem vio o Grande Rei, que alegre eu canto.

II.

Naõ vai ao espectac'lo d'horrorosas
 Feras, que hum dia aos miseros humanos,
 Rodeados de turbas bellicosas,
 Custumavaõ lançar impios tiranos:
 Justas, torneios, lutas caprichosas,
 Que produziaõ só funestos damnos.
 Naõ vai a isto hum Rei Pio, e Prudente,
 Q' impera amando a Lusitana Gente.

Dei-

III.

Deixa , triste Melpomene , que hum dia
 Do teu furor m'aparte , e que procure
 A suave influencia de Thalia ,
 Com que a voz neste canto eu mais segure :
 Estilo claro , solida alegria
 Ella fará , que nos meus versos dure ,
 E que eu possa pintar tanta grandeza
 Sem misturar-lhe sombra de tristeza.

IV.

E a quem se não a Vós , Augusto Neto
 Do Rei , que louvo , e que respeito tanto ,
 Já por obrigação , já por affecto ,
 Eu devo offerecer tudo o que eu canto ?
 Dai-me o vosso favor , que eu vos prometo ,
 Que a voz , que enfraquecida aqui levanto ,
 Quando coragem nova alegre tome ,
 Leve por todo o Mundo o vosso Nome.

V.

Com vosco nos meus versos tambem quero
 Pelo Orbe levar os Lusitanos ,
 Qual o doce Virgilio , e o grande Homero
 A nós trouxeraõ Gregos , e Romanos.
 O meu canto , Senhor , eu inda espero ,
 Que o façais conhecido entre os humanos :
 Inda espero , que o mundo estime munto
 Meus versos , de que haveis ser Alto Assunto :
 E

VI.

E se acaso julgais , que eu sou pequeno
 Para em vossos louvores empregar-me ;
 Do Grande Avô ao poderoso aceno
 Eu bem sei quanto posso levantar-me.
 E talvez ouvirá o Indo , e o Rheno ,
 Se o vosso amparo não quereis negar-me ,
 Mais do que tem ouvido tantas vezes
 Dos vossos respeitaveis Portuguezes.

VII.

Porém , Principe Augusto , agora em quanto
 Eu não posso chegar ao que desejo ;
 Em quanto inda não posso fazer tanto ,
 Quanto merecem as acçoens , que eu vejo ,
 Ovi os naturais versos , que eu canto ,
 E ponho nas benignas mãos , que bejo.
 Custumai-vos a ouvir com que verdade
 Fallo da mais Augusta Magestade.

VIII.

No Mez , a que deo nome o Deos bifronte ,
 Em que o giro dos annos principia ,
 Quando se crôa d' alvo gelo o monte ,
 E inda não nos visita Progne impia ,
 Quando o ardente Pai do vaô Phaetonte
 Os seus raios parece em neve esfria ,
 Quando o frio Aquilaô sopra com raiva ,
 E os troncos despe a horrifona faraiva.
 Em

IX.

Em hum dia , em que o Sol desembrulhava
 As densas nuvens d'humidos vapores ,
 E por entre ellas mesmas espalhava
 Sobre a terra brilhantes resplandores ,
 Vibrando o turvo ar entãõ soava
 Vóz de marciais clarins , e de tambores :
 O estrepito dos brutos já se ouvia ;
 Mas não causava horror , tudo alegria.

X.

Corre entãõ muita gente velha , e moça ,
 Por cujas mãos o trigo se semeia ,
 Sem guarda fica entãõ rebanho , e chossa
 E não fica hum só rustico na Aldea.
 Hum com rudes palavras , e voz grossa
 Conta o estrago da passada cheia :
 Vem ver o Rei , que soube libertar-nos *
 Da fome , que marchava a desolar-nos.

Po-

* He bem sabida a providencia , que
 Sua Magestade dera para se tornarem a se-
 mear os campos do Riba-Tejo quando a
 cheia de 1771. lhes tinha levado as se-
 mentes &c. &c. &c.

XI.

Povo , e mais Povo , vai correndo áquellas
Estradas , porque o giro está disposto ;
Povoão as mulheres as janelas ,
Querem ver todos do Monarcha o rosto :
Co' as enrugadas faces , e amarelas
Por mão do filho , ou a hum páo d' encosto
Hum velho , e outro à porta se chegava ,
Onde o seu grande Rei ver esperava.

XII.

Com a brilhante Cruz se vê ao peito
Hum a nobre Gineta recostado ,
E as cãas , que inda lhe dão maior respeito,
Orna o chapeo com oiro circulado.
E da cansada vida satisfeito
Vem ver quem o sustenta , e o tem honrado,
E aos patricios , que vê postos em roda ,
Conta as façanhas de sua vida toda,

XIII.

Inda me lembra , diz erguendo a fronte ,
Que fazem inclinar pezados annos ,
O aparato , o trem , e a rica ponte ,
Porque Carlos passou , e os Castelhanos. **
Mas de que serve agora que eu vos conte
O que fez Pedro , Rei dos Lusitanos ,
Quando ainda , he maior he mais completo,
O magnifico Fausto de seu Neto ? En-

** No tempo d' El-Rei D. Pedro II. foi sumptuosissimo o apparato com que se recebeu Carlos III. a quem auxiliaraõ depois tropas Portuguezas &c.

XIV.

Então em mais robusta, e forte idade
O fui servir a Broças, e a Monsanto:
Inda a carniceria, a mortandade
Daquelles choques faz no mundo espanto.
Acabou-se o vigor da mocidade,
Froixa velhice já me abate tanto.
Mas inda sinto, em vendo o Augusto rosto,
Fortalecer-se o coração de gosto.

XV.

Por Elle inda com esta, e hia empunhando
A larga espada, que lhe pende à cinta,
Vendo-se a crespa pelle ir já tomando
A cor, com que o valor o gesto pinta.
Esta, que os inimigos desarmando,
Foi tantas vezes no seu sangue tinta,
Farà que de seu Rei nunca se esqueçam,
Os naturais, e os outros o obedeçam.

XVI.

Quem diante de mim negar se atreve,
Que he Elle o nosso Bem, nossa Ventura?
Que a policia da Corte se lhe deve
Que os campos tem por Elle mais cultura?
Diga a sabia Minerva quando esteve
Assim tão respeitada, e tão segura
Dando leis ao Universo com socego
Nas aprasiveis margens do Mondego?

Tu,

XVII.

Tu, ó nova Lisboa, que levantas
 Nova face gentil d'entre as ruínas,
 Tu sim, por bocas mil, por mil gargantas
 A decantar seu Nome grata ensinas.
 Eu bem oiço, e ouvem todos, que tu cantas
 Co' as Sciencias, e as Artes peregrinas,
 O Nome, que respeita o mundo inteiro
 Do Rei de Portugal, Jozé Primeiro.

XVIII.

Jà de gritar o Velho enrouquecia,
 Huma palavra a outra sufocando,
 Ternura, gosto, amor, e valentia
 Foi insensivelmente misturando.
 Mas suspendeo as vozes, quando ouvia
 Som guerreiro, que ao longe vem soando,
 E ao longe as ricas fardas vermelhavaõ
 Com as tecidas pratas, que as ornavão.

XIX.

Eraõ estes, que a tudo precediaõ,
 Em ligeiros cavallos bem montados,
 Os carros de clarins, que já se ouviaõ
 De sonoros timbales alternados.
 Outros d'iguaes librès logo os seguiaõ,
 Que traziaõ no braço apoleirados
 Com os olhos tapados os Açores,
 Que haviaõ fer no campo os contendores.
 Com

XX.

Com doiradas coleiras nos pescoços ,
 Leves cumpridos galgos vão diante ,
 Puxaõ pelas cadeias , bellos moços ,
 Que em os deter trabalho tem bastante.
 São inda na barriga menos grossos
 Que pelo magro peito ; de galante
 E pequena cabeça hum pouco aguda ,
 A cauda longa sim , mas não felpuda.

XXI.

Atraz da vistofissima caterva
 Rica liteira mulas carregavaõ ;
 Onde outras muitas aves de rezerva
 As bordadas cortinas ver deixavaõ.
 A turba espectadora , que isto observa ,
 E a todos , que confuzos a admiravaõ ,
 O artificio a fazia inda mais grata ,
 Que o seu fino veludo , o oiro , e prata.

XXII.

Que improvizo murmureo rebolisso !
 As lizas calvas descobrindo os velhos ,
 Os moços com hum modo mais submisso ,
 Baixaõ as testas , dobraõ os joelhos :
 Barras eu cuido ver d' oiro macisso
 Sobre amarelos panos , e vermelhos.
 Tanto inferior he esta pompa áquella ,
 Quanto ás luzes do Sol a-de huma estrella.

XXIII.

Como alegre o Mineiro defentranha
 Da terra dura , ou d' entre a folta arêia ,
 Coloridos topazios , e os apanha ,
 E ambicioso o animo recreia :
 Mas vendo do diamante a luz estranha
 Se confunde de gosto , e titubeia
 Por ir a-aporveita-lo , deixa tudo :
 Assim deixo esta pompa , á outra acudo.

XXIV.

Sobre valente bruto de côr negra ,
 Que pelas largas ventas fumegando
 Ligeiras mãos , e pés move com regra ,
 Faz a terra tremer , que vai calcando ,
 Vejo o Grande Jozé , que anima , alegre
 Ao povo , que o espera ajoelhando ,
 E a magestosa face , o Augusto Rosto
 Derrama sobre todos gloria , e gosto.

XXV.

O Marialva illultre o-acompanha ,
 Como Estribeiro Mór , e vem montado
 Em bravo bruto d'huma côr castanha
 De doirados arreios jaezado :
 De espumoso suor o corpo banha ,
 Tanto a tempo se move , e concertado ,
 Que mostra que respeita , teme , e estima
 O Cavalleiro bom , que tráz em cima.

XXVI.

Logo o Monteiro Mór , o Illustre Mello
 Do outro lado o-acompanha fobre
 Hum generoso , e bem fiel , murzello ,
 Seguro o passo , socegado , e nobre
 O metal que aos avaros faz disvello
 Lhe esmalta o freio , e os jaezes cobre ,
 E as fitas , como aos outros , enlassadas
 Lhes fazião as crinas matizadas.

XXVII.

Branco animal ao ar facode a terra ,
 Que a mão ferrada apanha , e traz em cima
 Com a Deoza da Caça , ou a da Guerra ,
 Vaidoso sopra , e tudo em pouco estima.
 Prole de Chile veio a Salvaterra ,
 A quem o movimento airoso anima ,
 Não fingida Minerva , nem Diana ,
 Mai verdadeira , Augusta Mariana.

XXVIII.

Da excelsa fundadora de Carthago ,
 E da Sabia Zenobia do Oriente ,
 E outras , que o povoado mundo , e o vago
 Encheraõ de seu nome illustremente ,
 Não , não se chore a perda: o mundo he pago;
 Com bastante razão d' estar contente ,
 Nessa , que sobre o bruto o campo trilha ,
 Que o guia , que o afaga , leva , e humilha.

XXIX.

Gira Sangue Real dentro das veias
 Deste , que a segue General famoso ,
 Que rege os nossos mares , e às alheias
 Terras , manda seu nome respeitoso ,
 Vem sobre airoso bruto , que tráz cheias
 De branca espuma as ancas , e o formoso
 Peito , que vai sustendo os pés , e os braços
 Seguindo , e imitando a outro os passos.

XXX.

Generoso alazaõ segue mascando
 O durissimo ferro , que o refreia ,
 Levando alegre a frente , e vai deixando
 Impresso o passo sobre a loura areia.
 Parece que se ensaia assim pizando
 Na terra propria ao que fará na alheia
 Co' o Grande General , que tráz em sima
 A' testa dos Exercitos , que anima.

XXXI.

Sim : este General , que tem gravado
 No seu tranquilo aspecto alto respeito ,
 O filho , o grande Aveiras , tráz ao lado
 Da liçaõ , e do exemplo satisfeito.
 Em outro bruto de igual cõr montado ,
 D' huma anca bem fornida , e largo peito ,
 Que parece acompanha relinchando
 O som guerreiro , que lhe vaõ tocando.

So-

XXXII.

Sobre hum castanho escuro, que maneja
 Também com regra, e ligeireza os braços,
 E cuja longa cauda ao vento ondeja
 Co' as soltas pontas dos vermelhos laços,
 Vem o Real Infante, que dezeja
 Sempre ao Rei, Sogro, Irmão seguir os passos;
 E do sereno Rosto a Magestade
 Bem se vê transpirar santa Piedade.

XXXIII.

Bem que mais clara a côr também castanha
 He d'outro bruto a nedia, e liza pelle,
 E a tantos quantos pizaõ a Campanha,
 Não cede em graça, e valentia áquelle:
 O garbozo Illustrissimo Saldanha,
 Eu o-estou admirando, he quem vem nelle;
 Co' a redea o passo ao bruto suprimindo
 O seu Amo Real lá vem seguindo

XXXIV.

Vem a turba de Illustres Cavaleiros
 Com vestidos riquissimos ornados
 D'ouro, e prata, a diviza dos Guerreiros;
 Os mais de lindas côres matizados:
 Vem sobre airofos brutos, e ligeiros,
 Que parecem levantaõ compaçados
 Os pés, e as mãos, fazendo os movimentos
 Ao som dos bellicosos instrumentos.

B

Aquel-

XXXV.

Aquelles são os principaes , aquellas
 Compõe de Portugal a alta Nobreza ,
 Debalde he repetir o nome delles ,
 Que a Fama espalha em toda a redondeza.
 Vê Francisco , os teus Silvas, e os teus Telles,
 E outros , que brota a terra Portugueza :
 Illustres ramos d'arvore tamanha ,
 Q' onra c'os frutos seus toda Alemanha.

XXXVI.

Farta essa juvenil curiosidade ,
 O nobre tronco vê d'onde descendes ;
 O valor , a Sciencia , a heroicidade
 Dos teus maiores , que imitar pretendes.
 Porém em quanto a ver a quantidade
 Dos heroes do teu tronco te suspendes ;
 Eu vou continuando com meo canto ;
 Porque não posso dilatar-me tanto.

XXXVII.

Seis corpulentos urcos , levantando
 Pezadas grossas patas brandamente ,
 Rico , e pompozo coche vem tirando :
 A roda trilha o chaó , e mal se sente.
 Sobre as pontas dos pés se está firmando
 Para velo admirada toda a gente :
 Penhor da Lyfia , Principe Menino ;
 He cauza delte alegre desatino.

Ago-

XXXVIII.

Agora sôam mais , e mais clamores ,
 Ninguem sofre que a vista outrem lh'impessa:
 Os pequenos se queixaõ dos maiores ,
 Hu' para ver melhor ergue a cabeça.
 Manchadas pelles de graciosas côres
 São as dos brutos , que conduzem nessa
 Berlinda a sua Augusta Mãi , com ella
 As tres Reais Irmans , aqual mais bella.

XXXIX.

Aos brutos , que talvez mal governados
 Precipitaraõ o infeliz Phaetonte ,
 Qu' o Orbe giraõ nunca fatigados
 Pirôis , Phlegonte , Eôo , e o bravo Ethonte ;
 Fazem inveja áquelles , que guiados
 Por hum experto auriga , erguida a fronte ;
 Ali vãõ conduzindo com vaidade
 A Beleza , a Virtude , a Magestade.

XL.

Inda d' hum lado , e outro *viva* , *viva*
 Se está com vós alegre repetindo ,
 Em quanto em outro coche a comitiva
 D' Illustres Damas ali vem seguindo.
 He tosco o meu pincel , bem não aviva
 A imagem do que vou mais distinguindo ;
 Nem eu tento do Verso na estreiteza
 Poder recopilar tanta grandeza.

XLI.

Novo , e grande tropel manda aos ouvidos :
 Pelas ferradas mãos o chaõ trilhado
 De mil ligeiros brutos prevenidos
 Para suprir algum , que for cansado.
 Os jaezes , de qu' elles vem cingidos
 Cobre pano riquissimo , e bordado ;
 E das ricas librés nas varias côres
 Se distinguem quais são , de quais Senhores-

XLII.

Pelo campo em cumprida ala s'estendem :
 Já muda a comitiva de figura ;
 Já os sofregos galgos se desprendem ;
 E o raivozo Falcão vê a luz pura.
 Parece , que estes brutos já entendem
 Ao que foraõ trazidos ; pois procura
 Cada hum seu lugar : questaõ discreta !
 Hum Philozofa a-trate , eu sou Poeta.

XLIII.

Sei que a timida lebre , que se acoita
 Entre pequenos ramos percebendo
 As vozes , e o tropel , foge da moita ;
 Mas o galgo veloz segue-a correndo.
 E o rapido Falcão , que o ar açoita
 Co' as fortes azas lá do alto vendo ,
 Vem logo com bravissima destreza
 Tirar a vida a hum , e a outro a preza.

Vai

XLIV.

Vai das rompentes unhas pendurado
 O pequeno animal, o povo grita:
 Pára o ligeiro caõ, como pasmado,
 Sobre o successo quazi, que medita:
 Ora se move a hum, ora a outro lado:
 Move a cauda co' a vista no ar fiçta;
 Mas vê correr ao longe outros, e corre
 Em quanto a lebre ensanguentada morre.

XLV.

Ainda estão a este o premio dando
 Da, que trouxera arrebatada, preza;
 Vem negras gralhas pelo ár gasnando,
 Vôa outro com rapida braveza:
 Huma quer escapar-lhe confiando
 De suas leves azas na destreza;
 Mas eila cae sobre o picante tojo
 Das duras garras mizero despojo.

XLVI.

Fogem aqui quadrupes ligeiros,
 Bando aligero ali se turba, e espalha;
 Dos Falcoens faõ os galgos companheiros;
 Ha na terra, e no ár igual batalha.
 Aqui tem os instantes derradeiros
 Calada lebre, e gritadora gralha:
 Chove fangue do ár, na terra corre
 Sangue das vêias do animal, que morre.

Como

XLVII.

Como á garra tenás dos diligentes
 Falcoens nada se encontra , que rezista ;
 Assim ao braço das heroicas gentes ,
 Que reges , Grande Rei , e tens á vista.
 Para o-experimentar basta que intentes
 Novo Imperio ganhar , nova Conquista :
 Verás que as mais lhes fogem nas batalhas ,
 Quais do altivo Falcaõ , Lebres , e Gralhas.

XLVIII.

Mas não : candida Paz co' as longas azas
 Cubra , e defenda a Lusitana terra ,
 Em quanto homens, Cidades , campos, cazas
 Desôla ao longe o ardor vorás da guerra.
 Troia , e Carthago estaõ campinas razas ,
 E o seu funesto cazo nos aterra.
 Nem consente a tua alma santa , e pia
 Para a vâa gloria tanta tyrania.

XLVIX.

He gente Lusitana , assim remato ;
 Della tem dito já bastante a Fama.
 Vê que foi Lusitano Viriato ,
 Lusitano tambem o Illustre Gama.
 E outros muitos agora não relato ,
 Cujo nome no mundo se derrama ,
 E tem corrido em mais suaves rimas
 Diversas regioens , diversos climas.

Erguei

L.

Erguei , Principe Augusto , erguei a testa ;
Vede do Grande Avô grandes vassallos ,
Specie , d'humanos , singular he esta ;
Já desde agora começai a honrra-los.
E o ouvido inclinaí a quem protesta
Naõ só co' as acçoens vossas anima-los ;
Mas a estranho Paiz , a estranhos Povos
Levar do novo Heroe louvores novos.

D. C. B.



BILHETE DE BOAS FESTAS ,
E ANNOS BONS
AO EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO
SENHOR ARCEBISPO
INQUIZIDOR GERAL
CONFESSOR
DA
RAINHA NOSSA SENHORA.

E Is-me a vossos pés prostrado ;
Dai-me a beijar essa mão
Capaz de mudar meu fado ,
E que em piedosa intenção
Me tem beneficiado.
Por esta occasião , por esta
Eu vos venho apparecer
Hoje com cara de festa ,
Enfeitada do prazer ,
Qu' entre esperanças me resta :
Felices annos conteis ,
Pedir aos Ceos me compete ,
E fazei vós , que podeis ,
Me seja o-de oitenta e sette
Melhor , que o-de oitenta e seis.

Este

Este o tempo, vós sabeis,
 De cumpridas profecias:
 Tenho fé nas que fazeis;
 Lembro mais, que estou nos dias
 Dos donativos dos Reis.

Mas temo huma má ventura,
 Que tudo o meu me baralha,
 E cruel talvez procura
 Embrulhar-me na mortalha,
 Tristes bens da sepultura.

Dai-me vós algum conforto,
 Marcai mais curta esta meta:
 Q' ás vezes pondero absorto,
 Que já Camoens o Poeta
 Foi feliz depois de morto:

Quizera que a Real Maõ,
 Que faz felices as gentes,
 Me tirasse de aflição:
 E em quanto inda tenho dentes
 Me desse da Igreja o Paõ.

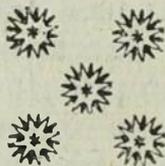
E mais que o proprio sustento
 Vai-me a honra interessada,
 Porque haverá fraudulento,
 Q' afirme, que não ter nada
 He não ter merecimento.

Fora o meu crime cantar,
 Se isto crime pode ser!
 Agora vou-me a mudar
 De cantar para comer,
 A com.r para rezar.

E pois que o Senhor vos poz
Onde me valhais assim :
Vá hum ajuste entre nós :
Orai vós , e orai por mim ;
E eu rezarei por vós.

Naõ quero ser mais extenso ,
Boas festas vos agoiro ;
E ao Misterio a que eu pertenço ,
Fazei possa offertar oiro ,
Q' eu só tenho mirra , e incenso.

D. C. B.



DITHYRAMBO *

A O fulvo solar coche luminoso ,
 Que os fervidos Erontes
 Com impeto fogozo
 Arrastraõ nos purpureos Orizontes ,
 Eu subo , eu subo , que o prazer me instiga ;
 E á Delfica Deidade ,
 Que os Ceos aformozêa ,
 Roubando senhorio , e devindade ,
 Parar farei a rapida Quadriga
 No Zenith d' Ulissea ;
 E o dia triplicando
 Do chãos furdo á filha umbroza , e fêa :
 Farei do vasto firmamento Etherio ,
 Que as furvas longas azas encurvando
 Frema açaimada no covil Cimerio :
 Quero que Lizia veja
 Que hum triduo , sua dita
 Illuminado o Ceo tambem festeja :

Eu

* Nas faustas melhoras do Serenissimo
 Principe do Brazil , o Senhor D. JOAÕ.

Eu posso , oh Luzos , se a razaõ me excita ,
 Não só reger os fulgidos Erontes ,
 Deter os Orbes , transplantar os montes ,
 Como tambem do Solio fulgurante
 De tronar Panomphêo Celi-tonante.

Que o Nume de Niza ,

Que os tristes alenta

E d' alma afugenta

O frio Temor :

Que a brindes Evantes

Requesta as vontades ,

A's mesmas Deidades

Me faz superior.

Eia homanos brindemos , brindemos
 A cauza suprema da nossa alegria ,
 De Falerno huma cuba aqui temos ,
 Que ao Nectar excede , q̄ excede a Ambrozia ;

Eu seja o primeiro ,

Que audaz , prazenteiro

Lhe sinta a virtude.

Em honra do Nome

Do ledo Nizeu

Empino hum almude :

E vohè Bassareu.

Eis vaõ , munifico , Lucido Principe ,

Eis vaõ á tua ditoza saude

Tres taças , seis taças , dez taças

Que alegria ! lá foi a primeira.

Já posso cantar tuas graças ,

Já posso com vós lizongeira ,

Briseu cornifronte ,
No bifido monte
A's Pimpleides argutas formozas
Deixar encantadas ,
E fazer , que das mãos engraçadas
As numerozas
Lyras douradas
Lhe caiaõ com pasmo por terra quebradas,
Ouvio da ingenua Lizia
O Ceo benevolo as fervidas supplicas ,
E eis que em socorro do Luzo Principe ;
Que em vão luctava co' Mal tiranico
A' terra envia Saude angelica ;
Ao vela a torpe Doença rabida
D' horror solta , famelica
Ceruleas flamas da bocca tabida ;
Posta na frente bellica
D' hum maligno esquadraõ d' atrozes Dores
Fevres agudas , Ancias , e Tremores
Investe a Nympha impavida ,
Que neste ensejo de triumphos avida ;
Lhe frustra as iras , lhe agrilhõa os pulsos ,
Faz na caterva sanguinozo estrago :
Foge a vencida Fera ao Estigio lago
Ferrando as prezas nos tendoens convulços ;
E na furna da Morte despiedada ,
Os olhos envesgando
E as verdes crinais Serpes arrancando ;
Se esconde enviperada ;
Canta a Nympha potente os Epenicios

E os Luzos exultando
Aos Ceos offertaõ gratos sacrificios:

D' Evio murmura

Nos enramados

Copos dourados

Roxo licor.

Taças se empinaõ ,

Libaõ-se almudes ,

D' altas faudes

Sõa o fragor.

Venha , venha hum tonel portentozo
D' almo elixir maçaõ trimato borbullhante ,
Que para nossa gloria Epasio ebri-saltante

Em valle pampinozo

Virente , racemozo ,

Tirfigero , bibozo ,

Produz , fozona , ovante ,

Que quero temulento

Tericles * perpotante

Deixar no esquecimento.

Evan Tionio , Evohé.

Da-me desse Tokai mais corado ,
Que a corada papoula , que Ceres semêa
Entre as pallidas messes , que Zefiro ondêa ;

Da-me desse licor afamado

De Champanha , de Chypre , de Chio

Genial , saborozo , sadio ,

Que

* Tericles hum dos mais celebres bebedores , que teve a antiguidade.

Que intento prostrado ,
Cantando este dia ,
Da nossa alegria
A cauza brindar.

Viva o Magnanimo , o Inclito Principe ,
O Sabio Prudente , J O A Õ virtuozo ,

Viva o Regio Esposo
De C A R L O T A bella
Radiante estrella ,
Que benigna augura

A gloria d' Hiberia , de Lizia a ventura :

Porém que sinto em mim ?

Que alegre fernezim

Assalta o peito meu ?

Es tu , Es tu ? Leneu ?

Es tu , Bromio ? Evohé !

He elle , amigos , he !

Que de novo a saudar me convida

O benefico Heroe florecente ,

Que da vani-loquente

Soberba entumecida

As pulullantes cabeças golpêa ,

Que à bifrente Lizonja sopêa

A' Lizonja tiranica Esphinge ,

A' Lizonja , que em torno semêa

Dos fastozos palacios , que cinge ,

A Cizania , a Calumnia doloza ,

A Fraude capsoza :

Mas xiton , escutemos evohé

O ecco estrepitozo

D' altifona Thymele

A cujas vozes turbidas , festivas
 Affoma ebri-formozo
 O filho de Semele
 Entre confuzos vivas ;
 Mil corimbiferas pallidas Menades
 Gritando , ululando
 Saltando , exultando
 Lhe vem circundando
 O vite-enramado
 Carro estridente bijugo , dourado ;
 Que arrastraõ furiozos
 Os mosqueados Tigres pressurozos.
 Evhoé Mimalonides , vinde
 Vinde Thirsifero rubido Ménoles
 Vinde, vinde , façamos hum brindê
 Almudes libemos ,
 Corêas travemos ,
 Saltemos , dancemos ,
 E alegres brademos ,
 „ Viva o magnanimo , o inclito Principe ,
 „ Qu' áde arvorar as tremulantes Quinas
 „ D' Imperios subjugados
 „ Sobre as fataes ruinas ,
 „ Vendo a feos pés curvados
 „ Climas ignotos , mares infulcados ;
 „ Ea Lizia armi-potente
 „ Da septicolle Roma
 „ Feliz emuladora ,
 „ Engrinaldando a torreada frente
 „ Da rama vencedora
 „ Fará

5, Fará do mundo tutelar Senhora.

Mas silencio , outro brinde , mais nada ;

Que já titubeo ,

Que já cambaleo ,

Que já tenho cheio

Da celeste Ambrozia rozada ,

O peito , que anhela ;

Outro brinde , que já me esquecia ;

Do Brazil à Princeza formosa

A^c formosa CARLOTA , mais bella

Do que ao raiar do dia ,

De Phebo a percursora radioza ,

De CARLOTA , a quem sempre á porfia

Os Rizos , as Graças ,

Em nitido bando

Lhe estão volteando

O rosto gentil.

Evohe bom Lieu , não me illudes

Para regias , supremas , faudes

Descorado

Naõ me des licor ,

Que não tem valor ;

Mas que imite sim

Na purpurea cor

Ao gentil rubim.

Desse , desse Nicúleu

Que escarlata escuma faz ;

Que envergonha o rubor teu ,

Desse gosto , esse me apraz.

Viva o magnanimo , o inclito Principe

C

Mais

Mais sabio , pio , e justo ,
Qu' Aurelio , Tito , Augusto.
Porém que tanto , Bassareu placido ?
Nublaõ-se os olhos , a terra foge-me ;
Truncaõ-se as vozes , a idea turba-se ;
Cantar os dotes do amavel Principe
Naõ pode a eburnea já rouca Cithara.

Cantores inclitos
Suaves canticos
Lhe entoem fervidos ,
Em quanto eu avido ,
Nas taças fulgidas
Do róxo Mènoles ,
Lhe faço prodigio
Saudes mil.

P O R

B. M. C. S. T. d S.

aliás

Belmiro Transtagano.

OS LAGAREIROS.

IDILIO.

EM quanto á fresca sombra dos loureiros
 D'esse Academo Bosque, amado Alcino,
 Feres com subtil plectro a lira d'oiro;
 Humas vezes detendo, outras frangindo
 Ruidozos Tufoens, negras Procellas;
 Por hum pouco tirando a mão das cordas,
 Escuta huns versos novos, que cantavam
 Em novo estillo aqui, onde correndo
 Mançamente se espraia o claro Vouga,
 Dois famosos, e fortes Lagareiros,
 Que dentro em meu lagar, as doces uvas,
 Esta fertil colheita, hiaõ pizando.

L A G A R I N O.

Tosco, e rude Bagallio, não reparas,
 Como meches os pés? Acazo penças,
 Q'ue isto he eira de trigo, onde escoucinhaõ
 Outros tais, como, tu sempre rinchando?
 Quem te mete a pizar as doces uvas,
 Se não sabes mover as gordas pernas?

B A G A L I O.

Lagarino mordas , e quem te mete
 A criticar aquillo , que não sabes ?
 Tomara saber eu , onde tu foste
 Aprender conculcar os negros cachos ,
 De que engrinalda a fronte o roxo Bacho ?
 Suponho foi talvez n'algum lameiro
 Com teus parciaes Collegas grunhídores.

L A G A R I N O.

Vai-te longe daqui , foge profano ,
 Que já sinto chiar as grossas rodas
 Da carroça velós , onde sentado
 O grande Bassareo c'ó Tírse punge
 As sanhudas Pantheras : Se te apanha
 Neste sacro lugar , no quente mosto ,
 Raivozo te mergulha a hirsuta fronte ,
 Espinhada por fora , ouca por dentro.

B A G A L I O.

Há quem tal ouze ouvir ! Hum insensato ;
 Hum , louco palrador , que nunca fora
 A's festas Bacchanais Bromias orgias !
 Que já mais celebrou as Antisterias
 No frugifero Outono , ou as primicias
 Das vinhas foi levar , croado de era ,
 Em cabazes de murta ás Santas Aras

Do

Do grande Niçtileu , falar se atreve
 Em couzas que não sabe ! Ah se não cerraſ
 Lagarino mordas , a infame boca
 Saboè clamarei , e verás logo
 Como cede a meu canto , e te castiga
 O Sacro Baſſareu , o roxo Bromio.

L A G A R I N O .

Inda eſta me faltava ! Há quem tal diga ?
 Pois tu ſabes cantar Bagallio infano ?
 Em que lugar cantaste , ou em que feſta
 Ao rouco ſom dos roucos atabales
 Com ſuave cadencia repetindo
 Evohé , Niçtileu , Dionizio , Jacco ?

B A G A L L I O .

Sempre és enredador. Já te não lembra
 Das paſſadas vindimas do outro outono ,
 Quando croado d'era , e verdes parras ,
 Com hum Tirſo na mão entrei nas feſtas
 Do ſacro Niçtileu , todo cuberto
 D'uma pelle de Capro gadelhuda ,
 Onde vencí cantando quantos foraõ
 Celebrar as alegres Antifſterias ?
 Não te lembras preverſo , Lagarino ,
 Q' em premio , da victoria as alvas Ninfas
 Me fizeraõ ſentar ſobre huma pipa ,
 Enfeitado de pampanos , e rozas ?

L A G A R I N O.

Já me lembra Bagallio , foi na tarde ,
 Em que , saltando muito por tres vezes ,
 Estiraste esse corpo no terreiro :
 E que a terceira vez escorregando
 Cos focinhos , pregar fosse sem tino
 Na pipa , a que meteste os tampos dentro ,
 A cujo estrondo a chusma das Bacchantes
 Longo tempo com susto andou dispersa.

B A G A L I O.

Naõ : antes , foi na tarde , em que ajustaste
 Hum grande cesto d'uvas com Cepalio
 Sobre salvar de hum pulo a larga tina ,
 Que no terreiro estava das Orgias ,
 Chea d'almo licôr toda enramada ,
 Aqual indo a saltar de hum largo pullo ,
 Fizeste no ar tão fina cabriola ,
 Que de chapuz cahiste dentro della :
 Onde por largo espaço mergulando
 Afogado te viste em mar vermelho ,
 Sendo o rizo de todos na floresta.

L A G A R I N O.

Sempre foste , Bagallio , author d'enredos ;
 Mas se tens presumpção de experimentarte ,
 Vimio será Juiz , vê o que apostas.

BA-

B A G A L L I O 2

O Mundo vai perdido ! quem diria ,
 Q' aos doces rouxinoes os negros corvos
 Cuzallem provocar a desafio ?
 Mas eu farei , vaidozo Lagarino ,
 Que te arrependas hoje , e que conheças
 Qual diferença vai do junco ao tronco ,
 Que cingido de vides ramalhudas
 Sustenta os negros cidreirinhos cachos.
 Ves de verga miúda de mil cores
 Por habil mão tecido este cestinho ,
 Qu' em labores futis de hum lado mostra
 Sacrilegos gigantes , temerarios
 Q' ouzados penção cumulando montes
 Tirar o Throno a Jupiter Sagrado ?
 Pois este o premio he ; repara como
 Sobre elles se aremeça o forte Bacco
 Transformado em leão , e os despedaça
 Vibrando as curvas lascerantes garras.
 Olha d'estoutra banda como ouzado
 Sobre hum carro triumphal , q' Tigres puchaõ
 Por entre grossos cedros , e palmeiras ,
 Precedido das Menades raivozas ,
 Vermelhos Indios vai avassalando.
 Attenta neste lado , olha este rancho
 De capripedes fatiros saltantes ,
 Q' em torno vaõ de hum velho galhoseiro
 Barrigudo , caprino , orelhi-lungo ,
 Que monta n'um jumento , a cujos zurros
 Cer-

Cerrados esquadroens vagaõ dispersos.
 Olha que premio ganhas , se a fortuna
 De teu lado estivesse agora infano
 Vê tambem o que apostas : logo logo
 Entremos sem mais fleuma na contenda.

L A G A R I N O .

Muito gabas teu cesto ! Acazo penças
 Que não ha outra couza ? Pois attento
 Repara nesta concha , em que pintado
 Tambem Bacho se vê de era cingido
 Os cachos espremendo em vazo de ouro.
 Olha como os Bassarides em roda ,
 Como as moças Canephoras , saltando
 Em brindes Bacchanais , tocaõ as taças.
 Repara como vaõ loucas vestidas
 Com seus ramaes de perolas finissimas ,
 Croadas de era , e parras dando ao vento
 As compridas madeixas femeadas
 De pequenos jasmims , de brancas rozas.
 Olha a chufina de fatiros bicornios ,
 Que os retorcidos buzios vaõ tocando
 Em torno deste Altar ; onde enramado
 Tem para o sacrificio hum negro Bode :
 Ve mais com que destreza o subtil Mestre
 Ao longe o mar pintou , onde hum Xaveco
 De barbaros Piratas se deviza ,
 Que o grande Bassareu levaõ cativo.
 Mas olha agora em fim como espantados
 Da

Da vista de hum Leão , que os acomete
Por cima do convés , vibrando as garras ,
Em confuzo torpel ao mar se lançaõ ;
Onde em Delphins ceruleõs se transformaõ:
Com tanta perfeiçaõ , coura mais bella
Já mais tosco Bagalio terás visto !
Naõ isto' naõ pintaraõ mãos profanas ,
De devinos pinceis , foraõ os toques
A' foz do nosso Vouga sobre á Area
A lançou a maré ; ali achada
Foi por Marino , a cujo dei em troca
Hum copo de marfim , orlado de ouro.
Olha que raridade naõ alcanças ,
Se fores venturoso , avia , vamos
Depozita o teu cesto , eis-minha conxa :
Seja Vimio Juiz , ou qualquer outro.

B A G A L I O .

Pobre doido , coitado ! Eu te protesto
Que logo te arrependas. Vimio toma
Os premios da contenda , e nosso canto
Escuta agora atento , que a sentença
No fim prohiras , igual , e recta.

V I M I O .

Principiai famosos Lagareiros
O doce canto alterno , em quanto ferve
O cheiroso , balsamico , bagalço ,

Sol-

Soltai as brandas vozes , que deleitaõ
 O Devino Eleleõ , que as tortas cepas
 Este anno carregou de ferteis gomos.
 Principia primeiro Lagarino ,
 Tu Bagalio , depois o hirás seguindo.

L A G A R I N O .

Evoé Bassareu , alegre escuta
 Os brandos versos meos , q̃ os teus louvores
 No mundo espalharei ; meu canto inspira ,
 Para que o vil Bagalio hoje conheça ,
 Qu' eu só posso cantar os teus misterios.

B A G A L I O .

Saboé , Niçtileu , tu que fustigas
 Co' verde Tirso , os remendados Tigres ;
 Que puxaõ em galoens teu carro , atende
 Os versos , que te dou ; em quanto faço
 Raivar de inveja o rude Lagarino.

L A G A R I N O .

Ah suspende , Bagalio , não profigas
 No descomposto som ; porque espantados
 De taõ desconcertada gritaria
 Os mais rusticos satiros caprinos ,
 Pondo as mãos nos ouvidos , pelas covas
 Em confuzo tropel se vaõ metendo.

B A G A L I O.

Oh quanto melhor he ouvir no Inverno
 Mil verdes roucas rans palrar n'um xarco ,
 Que ouvir de Lagarino o canto agreste !
 Ah ! calate , insensato , antes que em terra
 Com teus rispídos eccos cahir façás
 Este triste lagar , que tanto assustás.

L A G A R I N O.

Alcino , a quem as Tagides formozas
 De verdejante alga a fronte cingem ,
 Meus versos ama , e preza. Vós famosos
 Destros vindimadores do contorno ,
 Hum verde altar, lhe erguei, honrai seu nome.

B A G A L I O.

Porém a mim Belmiro ; a quem as Muzas
 De Corinthio metal , levantaó bustos ,
 E o roxo Bassareu , a Taça liba ,
 Gosta de ouvir meu canto. Vós Bassarides
 A fronte lhe cingi de louro , e parras.

L A G A R I N O.

Quem préza o canto teu , melico Alcino ,
 Carregar veja , de fechados cachos
 As tortas cepas suas , no almo Outono
 Lhe trasbordem de vinho as largas tinas. BA

B A G A L I O.

Quem não honra , Belmiro , a tua Lira ,
 Em negra gralha convertido seja :
 As suas vinhas de pulgaõ se cubraõ ,
 Roidas sejaõ de malditos capros.

L A G A R I N O.

O' bis-nascido Deos , que abrolhar fazes
 As grossas vides , onde a vista lanfas :
 Alegre em meu basselo põem os olhos ,
 Que entaõ sempre terei fertil colheita.

B A G A L I O.

O' famozo inventor do doce Bromio ,
 Que ensinaste aos homanos a vendima ,
 Derrama em meu lagar o licor sacro
 Da taça , que sustens na dextra ufano.

L A G A R I N O.

Quam doce não he ver , por este tempo
 Estar fervendo o mosto nos lagares ,
 Levantando o fumifero bagaço ,
 E ter de roxo fumo as pernas tintas !

B A G R L I O.

Quanto nesta estação ouvir me alegrá
 Chiar dos carros as ferradas rodas
 C'ó pezo da vendima, quanto gosto
 De ver calibrar diffrentes vinhos!

L A G A R I N O.

Loura Ceres, levanta a curva souce
 Faze fugir os pardos gafanhotos
 E os daninhos patdais, que debulhando
 Nas searas me vão o louro trigo,
 A abundancia derrama em minhas leiras:
 Augmenta-me a colheita, que eu prometo
 De douradas espigas, e papoulas
 Cingir teu rico altar nas Cereaes festas.

B A G A L I O.

Frugal Pomona, livra os meus Pomares
 Dos passaros iniquos, afugenta
 As bespas, e as abelhas, que sucando
 As uvas moscateis, me vão nas vides:
 Os frutos que me dás, Deuza defende,
 Proteje as minhas arvores, que eu juro
 Formar-te huma capela guarnecida
 De ginjas garrafaes, peras, e rozas.

L A G A R I N O .

Vem Viminia gentil , e a vós soltando
 Suspende com teu canto o claro vouga
 Corre , ó Ninpha formosa , que dezejo
 Ver circundarte a chusma das Napeas ,
 Suspenfas dos acentos , que surprendem
 Dispersos pelo ár fevos dezejos.

B A G A L I O .

Ah ! Parralia travessa , onde te escondes ;
 Que a terreiro não sabes pulando airoza !
 Vem ó Ninpha gentil no rosto bello
 Deixa embora cevar olhos famintos.

L A G A R I N O .

Aferrolhem embora o metal louro.
 Avarentos Hidropicos , que eu vivo
 Com pouco cabedal , ao lado tendo
 Minha amada Viminia , sou ditozo.

B A G A L I O .

Entre Mares revezos sustos sofra
 O Mercador avaro , que eu não temo
 Na minha pobre choça com Parralia ,
 Sentado ao pé do lar , Tufoens do Inverno.

L A

L A G A R I N O.

Prezumido Bagalio , já dezisto
Do premio , da contenda , se dices
De quem a thêa era , que o famozo
Bassareu transformou em lentas vides !

B A G A L I O.

Dize-me Lagarino , e já te cedo
O louro da victoria , quem primeiro
Com a Taça na mão , cingido de era
A Bacco decretou honras divinas.

L A G A R I N O.

De quente mosto , em honra tua empino
Evoc Nictileu ; oh ! como he bello !
Que Nectar ! Que Ambrozia ! outra vez encho ;
E de Alcino em louvor hum brinde faço
Alcino das Cytherides delicias ,
Que leva atrás da Líra arrebatados
Incensiveis penhascos , duros troncos.

B A G A L I O.

Tambem em teu louvor , Brisco divino ;
Encho , e bebo esta taça. Oh ! Que suave
Balsamico licor ? Evôc repito . . .
Sacro Padre Leneo , renovo a taça.

Hum

Hum brinde outra vez faço ; agora empino
 Em honra de Belmiro mas que fogo !
 As orelhas me aquece , e abraza as faces !
 Qu' impulso sinto em mim ! que furor santo
 Sobre as nuvens me sobe ! onde me elevo !
 Mas que brilhante scêna se me offresse !
 Por entre a densa nevoa do futuro
 A hum fertil vasto monte subir vejo
 Sobre as azas dos ventos de mãos dadas
 Hum rancho de Pastores , a quem cingem
 Nove Ninfas gentis de louro as frontes.
E que mulher será também aquella
 Vestida de armas brancas , que sustenta
 Sette montes ufana na cabeça ?
 Que exulta de prazer , em quanto sobem
 Aquelles sabios Vates , que escarnecem
 Hum velho , que batendo as longas azas
 Vai correndo tras delles ; mas que irado ,
 Por ver que se lhe fojem , nos joelhos
 Parte huma curva fouce ? Eis pela Terra
 Vejo rojar também dois feios Monstros
 Toucados de Serpentes ; hum remorde
 Tres serpes , que na mão tras enroscadas :
 Outro em polga hum punhal em sangue tinto
 Mas quem esta será , que os ares fende ,
 Olhos toda , tocando huma aurea Tuba ?
 Huns nomes repetindo , a cujas vozes
 Mil Ninphas alevantaó sobre as aguas
 Do aurifero Tejo , os brancos collos ?
 Pcrém que luz celeste me circunda !

Que

Que Devinô mancebo ago a vejo ,
 Sentado em rico folio de sifras !
 Em seus braços alegre recebendo
 A sabia companhia , e q̄ = *Vimio* suspende ?
 Onde voas Bagalio , innesiado
 De tão altos misterios ! Ah ! detem-te ,
 Naô profigas no canto , que os profanos
 Saõ indignos de ouvir couzas tão grandes.
 Toma a conxa , gentil Bagalio , toma
 Justo premio de teu immortal canto ,
 Que será respeitado em nossos campos ,
 Em quanto houver no mundo Lagareiros ,
 E Baco carregar de uvas as vides.

Francelio Vouguence:



A A M I Z A D E

O D E .

Embora corte os alterosos Mares
 Possante armada , que amedrenta os Euntos
 Que sobre o campo de entufada espuma
 As Cidades aterra.

Embora as negras bocas vomitando
 Subitas chamas , em negrume horrendo
 O Ceo occulte , o alarido absorva
 Dos mizeros soldados.

Em quanto o General ardendo em ira
 Terrifico bradando ao som da morte ,
 Valer inspira nos expostos peitos
 Dos tristes , que peleijaõ.

A Guerra insana dardejando globos
 Em ferreo carro sobre os ares cruza
 E os ignivomos grifos açoutando
 Afusta o mundo inteiro.

Leva pendente do cruento braço
Negras balanças em que as vida peza ;
E sobre a dextra carrancuda arvóra
Assi calado gume.

Dos mizeros mortaes a sorte infauſta
Vaga no turbilhaõ d'acerbos malles
Aqui , e alli despede a horrenda fouce
Os fios devaſtando.

Todos curvados fluctuando giraõ ,
Trazendo aos hombros a cruel deſgraça ;
Fuſca illuzaõ dezenrollando as azas
Lhes tapa os frouxos olhos.

Por altos cerros tropeçando rólaõ
Sem que eſmoreçaõ no fatal conflicto ,
Só vendo o abyſmo a recebelloſo pronto
Pálidos eſtremecem.

Sancta Amizade , tu me acolhe affavel ;
Junto a teu lado vivirei contente ,
Raſgando a venda , com que a viſta illudem
Os vicios , e as torpezas.

Leocacio Melpomineo.

CANÇONETA

DITIRAMBICA.

A Gora que o carrancudo
 Inverno as aguas congela,
E o corpo o frio enregela;
 Vamos as mãos aqueutar,
 O fogo lança Marília,
 A's vides, que fui podar.

Das rebordans aloitadas,
 Q' hoje apanhei na deveza,
 Pois temos fogueira aceza,
 Faze um magusto no lar;
 Que do Moscatel cheirozo
 Já fui da Cuba tirar.

Enche esse pucaro, e bebe,
 Então, que tal he o gosto?
 Tornou-te vermelho o rosto?
 Já te não vejo tritar.
 Repara bem não te faça
 A'roda a cabeça andar.

Torna a encher , bota dentro
Essas castanhas assadas ,
Q' eu tenho alli descascadas.
Naõ vez o licor chiar ?
Lá vai : que sabor divino !
Que doce fica o padar !

Ah ! Que este balsamo pode
Tornar loucaõs , e corados
Curvos velhos engilhados :
Este fim que pode dar
Aos hirtos de frio vida ,
E o sangue ás veias tornar.

Mas que ouço ! Zunem os ventos
Em opostos furacoens !
Rebombaõ roucos trovoens
Arrebentando no ar !
Por entre as quebradas telhas,
O Raio vejo serpear !

Temerosas dos estrondos ,
Assustadas das Sentelhas ,
As nossas prenhes Ovelhas
Veremos hoje abortar :
E toda a fruta cahir
Do nosso pobre pomar.

Porém embora desfeche
 Contra mim a vil Desgraça ;
 Q' a balla mortal embaça
 No meu peito sem varar :
 Pois quando bebo , não temo
 Terra , Vento , Fogo , e Mar.

Que fabor ! Porém que he isto ?
 Vejo como por peneira !
 Terei nos olhos poeira ?
 Co' a mão os quero esfregar.
 Mas peor mais do que o corpo
 Sinto a cabeça pezar.

Ah ! Que se outra vez Elmano
 Eu vir com Belmiro em guerra
 Sobre andar o Sol , ou Terra ;
 Eu protesto sustentar ,
 Q' anda a terra , porque a vejo
 A' roda comigo andar.

Se eu agora fosse Rei
 Que de coizas não faria ;
 Huma torre mandaria
 Neste sitio edificar ,
 Taó alta que em a subir
 Hum anno havia gastar.

Faria huma grande adega ,
De comprido com dez milhas ;
Seriaõ de ouro as vazilhas ,
De ouro feria o lagar ,
Teria arados de prata
Para os meus campos lavrar.

Faria em honra de Baco
Erguer hum Templo roundo ,
Que affombro fosse do mundo ;
Onde a gente além do mar
As alegres Antisterias
Viessẽ alli celebrar.

Faria porém que digo ?
Hora estou bem carregado :
Este vinho endiabrado
Fez-me a cabeça esquentar
E com fantasticas ditas
Mesmo acordado sonhar.

Tú cambaleias , Marilia ,
Tambem estás embriagada ?
Bebeste de mais , coitada ,
Fez-te o juizo voltar ?
Durma-mos pois que do frio
Soubemos hoje triunfar.

Francelio Vouguense.

CANÇONETA *

N^o Hum fresca manhã bella,
 Qu^o Aurora o campo aljofrava
 Da choça minha eu sahia ;
 E o manso gado levava
 A pascer na relva fria.

Doces Cançoens numerosas
 Hia traçando na idéa
 Contra Amor , e seus enganos ,
 Para cantarem na Aldea
 Comigo os outros Serranos.

Eis que d'hum bosque de murtas
 D^o Armania á choça veziuhô
 Vejo sahir pressurozo
 Hum travesso rapazinho ;
 Mas de gesto magestozo.

Rou-

* Premiada pela Academia Real das Sciencias na Sessão de 12 de Maio de 1791.

Rouxa venda a luz dos olhos
Com tres voltas lhe roubava ;
Nas mãos hum arco trazia ;
E ao lado em formoza aljava
Cruéis farpas embebia.

„ Tenro menino , lhe brado ;
(De velo com dó infindo)
„ Deste frio não tens medo ?
„ Guarde-te o Ceo , como hes lindo !
„ Quem hes ? onde vas tão cedo ?

„ Quem sou , bem fei que não sabes
„ Sim , que se acazo o soubesses
(Me responde enfurecido)
„ Pode ser que não tivesses
„ De mim tanto escarnecido.

„ Pois sabe , que eu sou aquelle
„ Que tira , e dá liberdades :
„ Todos em meos ferros gemem ,
„ Uno , e defuno as vontades ,
„ E os mesmos Numes me temem.

„ Agora , onde vou , espera
„ Vello-ás ,, nisto acestando
Aureo passador fulgente
Vem para mim caminhando
Com torva sombria frente.

„ Rapaz travesso , lhe digo ,
 „ Onde vens ? o que proferes ?
 „ Quem sou conheces mui pouco ;
 „ Ora vai-te , senão queres ,
 „ Que te mostre o quanto és louco .

Mas pé atrás nisto pondo ,
 Faz-me ao peito pontaria ,
 Despede o virote ervado ;
 Em cuja farpa trazia
 D' Armania o nome gravado .

Meu coração atravessa :
 Salta a berbotoens o sangue :
 D' amor o poder conheço ,
 E a seus pés , já quazi exangue ,
 Humilde foccorro peço .

Mas de meus rogos zombando
 „ Onde estão teus ameaços
 (Me diz com vóz mofadora)
 „ Feri-te , não tens dous braços
 „ Chega a mim , vingá-te agora .

Só com truncados soluços
 Lhe respondo , e o Deos tirano
 Lançando-me atrozes ferros
 Profegue : „ ouve audaz humano
 „ A sentença de teus erros .

„ Amarás , envolto em magoas ,
„ Armania , por teu castigo ,
„ E nesta paixão penoza
„ Já mais a-verás com tigo
„ Sequer hum hora piedoza.

„ De teus rivaes adulada
„ Geral desprezo affectando ,
„ Zombará dos teus queixumes ,
„ Expondo teu peito brando
„ As mãos de crueis Ciumes.

„ Quer vendo-a , quer della auzente
„ Não dará fim teu tormento ,
„ Que te instará sem piedade ,
„ A^c vista , o zello cruento ,
„ Auzente , a cruel faudade.

Disse , e quando vou pedir-lhe
Lenetivo a meus pezares ,
As leves azas soltando
Me foge veloz ; nos ares
Brilhante rasto deixando.

A fascinante desgraça
Vem a pos do meu tormento :
Meu grado trigo emmurchece ;
Nem curo do pobre armento ,
Que á mingoa todo engaféce.

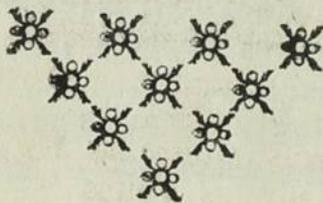
Deſta forte amando fico
Armania, entre magoa immenſa,
A qual caprixa inhumana
De ſer da cruel ſentença
Executora tyrana.

Por

B. M. C. S. T. d. S:

entre os Arcades

Belmiro Tranſtagano.



CANÇONETA.

V Endo o perverso vendado
 Que os Mortaes o conheciaõ,
 E que seus ferros cruentos
 Já pouco estrago faziaõ.

N'um frondente alegre Bosque
 Deixando os farpoens ervados
 Converte em louras Abelhas
 Os lindos crueis vendados.

No touco d'um freixo antigo,
 Que a fronte no Téjo espelha,
 Aloja o formozo enxame,
 Tambem mudado em abelha.

Já com sonoro suçurro,
 Sobre os vergeis, sobre as flores
 Fazem mil tremulas voltas
 Os pequeninos Amores.

Já louro mel se fabrica,
 Agro ao peito, doce aos labios,
 E dentro se lhe misturaõ
 Mil encantos, mil amavios.

Já por todo o Bosque as plantas ,
Da nova chusma picadas ,
Tacitas queixas difundem ,
Humas d'outras namoradas.

Já tudo a Amor vota insensos ,
Já tudo em amor se inflamma ,
Só Laura inda vive izenta ,
Só Belmiro inda não ama.

Mas como no mundo o Fado
Perpetua paz não consente ;
Quiz que seus peitos flexiveis
Suspirassem mutuamente.

Hum dia , que descuidado ;
Belmiro apanhava flores ,
Foi subtil-mente ferido
Por hum dos crueis amores.

D'improvizo occulta força ,
Seus ligeiros passos guia ,
Onde Laura , a doce Laura ,
Verde grinalda tecia.

Hum molho de rouxos lirios
Offerta a Ninfa mimoza ,
Que sobre o lindo regaço
O faz cahir desdenhoza.

Mas hum Amor q' escondido
Hia no ramo virente ,
Voou , zumbio , e no peito
Lhe imprime o ferraõ pungente.

Eis qu' os negros vivos olhos
Emprega Laura em Belmiro ,
E arranca por elle ancioza
D' alma hum ardente suspiro.

Dize tu frondente Olmeiro ,
Dize os votos duplicados ,
Que os dois amantes fizeraõ
Dos ramos teus abrigados.

Repete os ais , que lhe ouviste ,
E os transportes de ternura
Daquellas almas sensiveis ,
Dignas de melhor ventura.

Já potente occulto laço
Seus dois coraçõens prendia ,
Laura a Belmiro adorava ,
Por Laura Belmiro ardia.

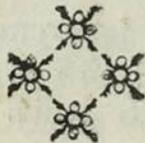
N'uma fresca madrugada ,
Em qu' ao Bosque ambos fairaõ ,
D' amor o formozo enxame
Entre huns ramos descubriãõ.

Seus doçozos favos doces
 Incautos ambos crestarão,
 E o louro mel faborozo
 Immensas vezes libaraõ.

D'improvizo a maõ do Fado
 Nubla seus rizonhos dias,
 E chovem sobre seus peitos
 Sustos, magoas, agonias.

Ah! Fugi tristes humanos,
 Fugi do cruel vendado;
 Que feu mel, seus favos doces,
 Tem veneno refinado.

Belmiro Transtag.



O F A U N O
I D I L I O.

I.

HUma Naiade bella desdenhoza,
As aureas tranças penteava hum dia,
Na margem d'uma fonte deleitoza.

II.

A sombra que dos Alamos cahia ,
O sopro d'um Favonio lizongeiro ,
Do intenso ardor seus membros deffendia

III.

Occulto a vigiava d'hum vimeiro ,
Fauno , campestre Nume , suspirando
De seus brilhantes olhos prezoneiro.

IV.

Com viçozos jasmins de quando em quando
Lhe a tirava , que n'agoa transparente ,
Hiaõ tremulos circulos formando.

V.

A Naiade mimoza erguia a frente ,
E a huma , e outra parte de affustada
Volvia os garços olhos deligente.

E

Sol

VI.

Solta Fauno de gosto huma rizada,
E d'hum pulo se esconde a Ninfa bella
No liquido cristal sobrefaltada:

VII.

O Fauno salta em seguimento della
Deitando-lhe subtis seguros laços,
Porém não poude conseguir prendella.

VIII.

Depois ora nas agoas mete os braços,
Ora com meiga voz a dezafia,
Ora fica escutando alguns espaços:

IX.

Mas vendo que affim nada conseguia,
Torna a esconder-se n'um vergel frondozo;
Por ver se a Nimpha sem temor sahia.

X.

Dati fitando a orelha cuidadozo
D'agua os olhos não tira, e pranto exala
Contra o motim das aves, de raivozo.

XI.

Mal respira temendo amedrentala:
Thé qu' impaciente de taó longa espera;
Descendo á fonte, desta sorte falla.

XII.

Nimpha cruel , taõ linda como fera ,
Surge d'agua outra vez por hum momento ,
Com teu semblante meu pezar modera :

XIII.

Ah se te escondes por me dar tormento
Afaga-me , depois torna-te esquiva ,
Que assim me faràs damno mais violento :

XIV.

Contra mim te aconselho , que he taõ viva
Minha paixãõ , que em troco de lograr-te
Sofrer naõ temo pena mais activa.

XV.

Acazo he culpa , dize , idolatrar-te ?
Se maltratas quem faz por ti finezas ,
Que faràs Nimpha a quem quizer matar-te ?

XVI.

Naõ sei porque motivo me desprezas :
Por ti peno , por ti me inundo em pranto :
Julgo ser gosto de fazer cruezas.

XVII.

Naõ sou taõ feio , que te cauze espanto ;
He meu corpo membrudo , he vigorozo ,
Danço a compaço , com doçura canto :

XVIII.

D'olhos pequenos sou , d'olhâr fogozo ;
D'hirros anneis o meu cabello he cheio ;
Sou cornifronte , bem talhado , airozo ;

XIX.

Mas se inda me desprezas por ser feio ,
Vê que a filha gentil da espuma fria
Do Deos mais torpe a ser espoza veio.

XX.

O Ceo não deixa impune a tirania ,
Anaxarete em pedra não mudara
Se ás magoas d' Isis atendesse hum dia.

XXI.

Quem me dera que o mesmo o Ceo uzara
Com tigo, oh Nimpha; porq̃ entãõ meu pranto,
Como as pedras abrandã , te abrandãra.

XXII.

Se na Libia nasceste , não me espanto ;
Que folgues de cauzar crueis pezares ,
Mas se não , como podes fazer tanto ?

XXIII.

O que perdes prevê , se malogrãres
Hum amor tão fiel , tão verdadeiro ,
E o que lucras tambem , se me adorãres!

XXIV.

N'huma das fragas daquelle amplo outeiro
Se entranha a gruta minha corcada
De fresca murta , flórido azareiro.

XXV.

Ali sobre meus braços reclínada ,
Se terna ouvisses os meus ais vehementes ,
Podéras Nimpha ter feliz morada.

XXVI.

As Parreiras e'os Alamos frondentes
Lhe tecem fresco pavilhaõ viçozo ,
Que a livra das crueis calmas ardentes .

XXVII.

De verde Açanto , de Alecrim cheirozo
Se alastra o chaõ ; à porta vive atado
Hum Zefiro , que adeja pressurozo.

XXVIII.

D'altra roxa hum ribeiro despenhado
Manfo lago lhe vem formar diante ,
De vimes , e de canas sombreado.

XXIX.

No ramo o terno rouxinol velante
Com grogeos subtîz dali s' escuta
A pena divertindo à triste amante.

XXX.

De caça, e peixe abunda a minha gruta,
E em molle colmo n'hum recanto interno
Guardo encamada saboroza fruta.

XXXI.

Ruge-me prezo contra o frio inverno,
Que as carnes corta, os membros enregela,
Em rica talha, salutar Falerno.

XXXII.

Naõ, no mundo naõ vez outra mais bella!
Muitos amigos meus ma tem gabado,
Deu-ma Silvano, e Pan bebeu por ella.

XXXIII.

Bromio rizonho alli se vê gravado
Junto de larga, corpulenta Dorna
Libando hum cópo de cristal dourado.

XXXIV.

Nimpha loucãa, que d'era a fronte exorna,
Quer furtar-lho, e parece que às rizadas
Por cima o vinho, com puxoens, lhe entorna:

XXXV.

Ve-se tambem nas ondas azuladas,
Cypria, regendo em concha de mil cores,
De rozas mansas Pombas arreadas:

XXXVI.

Verdes Tritoens às costas c'os Amores ,
Be roda as leves caudas meneando ,
A' Deoza os olhos piscaõ brincadores.

XXXVII.

Ve-se o cazo de Daphne miserando
(Menos dura que tu) e doutra parte
Mil scenas d' Amor fero , e d' Amor brando.

XXXVIII.

Tudo teu he , não tenho mais que dar-te ;
Que o mesmo terno coração , que tinha ,
Perdi no instante , que cheguei a olharte.

XXXIX.

Naõ te apanho , segura a mim caminha ,
Vem ver se pulsa , a mão põe no meu peito
Verás , qu' isto não he fabula minha.

XL.

Naõ sei naõ , que mais faça a teu respeito ,
Só se queres que às mãos de mal vehemente
Acabe a vida em lagrimas desfeito.

XLI.

Se isto he teu gosto , morrerei contente :
Mas vê , que de teu genio hum padraõ deixas ,
Qu' hade infamar teu nome eternamente :

XLII.

Nada, nada te abrandão minhas queixas :
Ah qu' ou deves estar petrificada ,
Ou a seus echos teus ouvidos feixas.

XLIII.

E's mais corada , que a romã corada ,
Mais alva , que o jasmim ; tens mais beileza ,
Que a rouxa Aurora na manhãa dourada.

XLIV.

Mas que Tigre ha tambem com tal fereza ;
Que se iguale contigo , ou rocha dura ,
Que tenha , como tens , tanta dureza.

XLV.

Affim clamava cheio de ternura
O triste Fauno , a vóz intrepolando ,
Com lugubres gemidos de amargura :

XLVI.

A fonte hum pouco esteve contemplando
Com gestos mil , depois n'agoa insofrido
Metete de novo os braços titubando.

XLVII.

Mas vendo o fructo de seus ais perdido ,
Convertendo em furor suas finezas ,
Clama outra vez , desta arte embravecido.

XLVIII.

Sobre ti chovaõ (já que assim desprezas ,
Ingrata Nimpha , meus fieis amores)
Negras desgraças , languidas tristezas.

XLVIX.

Nas margens tuas não rebentem flores ;
Turbem-te as agoas serpes venenzas ;
Livrem de ti seos gados os Pastores.

L.

Naõ cantem neste sitio aves faudozas ;
E amorte enrede , por maior castigo ,
Com quem te cauze mil paixoens zelozas.

LI.

De todos horror sejas . . . mas que digo ?
Eu mesmo que te amei taõ terno , e brando ,
Já me desprezo de fallar contigo.

Disse , e bramindo os pés aligeirando ,
Se embrenha por asperrimos abrolhos ,
As lagrimas raivozas alimpando ,
Que lhe ferviaõ nos irados olhos.

Behmir. Transtag.

AO ILLUSTRÍSSIMO , E EXCELLENTÍSSIMO
 SENHOR
 JOZÉ DE VASCONCELLOS
 E SOUZA.

O J A R D I M.

A Fresca sombra d' hum ferrado bosque ;
 Onde por alvas pedras murmurando
 Hum tremulo Ribeiro se escutava ;
 Saudozo de Anacrina as louras tranças ,
 Ao som da grata lyra descantava.
 Quando sobre hum velóz doirado carro ,
 Que seis Aguias tiravaõ pelos ares ,
 A Deusa dos Jardins se apresentava
 A meus cançados lacrimosos olhos ;
 Candidas flores , pudihundas rozas ,
 Adornavaõ-lhe em torno a nivea fronte ,
 De Goivos , e Jasmins festoens compridos ,
 Os fulgidos cabellos lhe enastravaõ ;
 Batendo as redeas às pompozas Aguias ,
 Entrava pelo bosque florecente ,
 E descendo ligeira do aureo carro
 Desta sorte risonha me fallava.

Canção vate do bicornio Piçdo
 „ Que a pár do Cintio Nume sonorofo ,
 „ Na juvenil idade tens bebido
 „ Da clara linfa do Helicon fagrado ;
 „ Tu que afinando a Cithara dourada
 „ Do Illufre Vafconcellos tens cantado
 „ Acçoens famofas , com eburnco pletro ,
 „ E dezejas rafgando os leves ares ,
 „ No Sacro Templo da Immortal memoria
 „ Entre os Heroes gravar feu Nome Illufre ;
 „ Naõ confintas , ò Vate , naõ confintas ,
 „ Que ás letargicas ondas fonolentas
 „ Entregue fique deffe Heróe preclaro
 „ A doce habitaçãõ , que me dedica.
 „ A ver eftes floridos novos prados
 „ Comigo agora deligente parte ;
 „ Onde moftando-te os diversos planos
 „ As sublimes figuras , as Cascatas
 „ Por cem partes a terra borrifando ,
 „ E imagens verdadeiras concebendo ,
 „ A decantar comeces o que imploro „ .

Acabou de fallar. Tomando as redeias
 Me conduzia com femblante ledo
 A feu carro veloz , qu' alegre fubo ;
 C'õ longo açoute nas formozas Aguias
 Dando hum fonoro eftalo reffoante ,
 Aligera pattio abrindo es arcs :
 De zefiros lascivos mil falanges
 Em torno d'alva Deoza revoando

Das brancas plumas sobre o aureo carro
Lançavaõ ledos desfolhadas rozas.

Da grande Elizía sobre os duros hombros,
Num sitio ameno d' arvores bordado
Sumptuozo Palacio se alça as Nuvens,
De famoza extructura fabricado;
Onde o Calhera Illustre, em paz serena
Sobre longas varandas, frescas tardes
Do calmozo veraõ contente gasta,
Ao lado junto da consorte amavel,
Cujas virtudes no estelante Olimpo
Sentillaõ entre as lucidas Estrellas.

Aqui soberbas as pompozas Aguias
Tocavaõ levemente a terra dura;
Quando a Deoza descendo do aureo carro,
De hum famozo Jardim a porta entrava.
Já de vivo dezejo afervorado,
Por espaçoza cascada a vou seguindo.
Eis-que subito vejo hum largo plano
De tortas eras guarnecido em torno;
Alva donzela de prazer tingida,
Douradas horas consumia em jogos.
Ao lado opposto n'uma funda gruta
Sonora fonte murmurar se ouvia.
Sobre pilastres de hum, e d'outro lado,
Diferentes figuras se mostravaõ.
Venus formosa de huma parte estava,
Qual o mancebo Paris ledo a vira,
Quant

Quando na Idalia selva o Pomo d'ouiro
 A Sentença lançando-lhe entregava.
 O potente Neptuno ali se via
 C'ó asperrimo Tridente repremindo
 Os ceruleos Cavallos espumantes.
 D' outro lado Plutaó soberbo estava
 Sobre o ferreo Bidente reclinado ,
 E a seus pés o latrante Caõ trifauce.
 Pouco distante Juno se avistava
 Olhando com inveja o aureo Pomo ,
 Que a linda Venus entre as mãos sustinha:
 Porém daqui voltando a Deoza os passios
 Larga escada subia. Eis outro plano
 Habitação dos ledos Passarinhos ,
 Que sonoras endexas mudulando
 Tornar fazião aos meus olhos tristes
 Da candida aiegria a imagem bella ;
 Além soberbo portico mostrava
 Espaçoza , aplainada , longa rua ;
 Sombrios Freixos , Alamos copados
 Hum e outro lado ornavaõ florecentes.
 Ao longo huma cascata se avistava
 A' dura terra em borbotoens lançando
 Serenas aguas do escarpado seio.
 Aguia soberba de Paiz estranho
 As brancas azas sobre o cume abrindo
 Do denso bosque a sombra procurava,
 Ficava ao lado esquerdo alto mirante
 De figuras diversas adornado ,
 Onde espalhando-se a cançada vista

A grande Elizia em torno se descobre ;
 Ao dextro a Deoza toma. Eis larga escada ,
 Frondozo novo plano patenteia.
 Vistozos arcos de engraçadas flores ;
 E as estaçoens do tempo ali se viaõ
 De marmore soberbo figuradas.
 Huma caza de campo além estava ,
 De porfidos brilhantes , de aureo teto ;
 E diamantinas portas : mais distante ,
 Onde hum placido tanque debuxava
 No feio ondozo as debruçadas penhas ,
 O copado arvoredos , as nuvens denças ,
 Pelas paredes retratadas via
 As ceruleas Campinas de Amphitrite ;
 Onde sentada sobre huma alva concha ,
 De candidos Amores rodiada ,
 Dione linda os olhos seus volvendo
 Serena os mares , e adormece os ventos.
 Não longe sobre hum carro fulgurante ,
 Das alvas filhas de Nereo cercado ,
 Curvando as crespas ondas , Doris bella
 Dois soberbos Delfins tirando vinhaõ.
 D'outto lado se via reclinada
 Europa aflita sobre o branco Touro ,
 De Fenicias grinaldas coroados.
 Maistao longe co' a Fox do Tejo ameno ,
 Intestavaõ os bravos Oceanos :
 Sobre hum nivio montão de crespas ondas
 Sentado ali se via o Patrio Rio
 Co' as Tagedes formosas abraçado :

Humas as longas cans lhe pentiavaõ ,
 Outras lhe adornaõ a limoza fronte ,
 De luzentes capellas. Sobre as margens
 No seio de hum gruta devizava
 As louras filhas do Supremo Jove
 Tocando eburneas Lyras sonoras ;
 Aquellas , que nas margens da Castalia ,
 A' fresca sombra dos frondozos louros ,
 Eternos fazem os Heroes preclaros.
 No roto seio de hum penedo alçado ,
 Tocando a doce frauta altissonante ,
 O Semicàpro Pan ali se via
 Gostando transformada ver em cana
 A falsa Ninfa , que adorava grato.

Aqui chegava : quando a gentil Deoza
 Alçando a doce vóz assim fallava.

„ Eis a suave habitaçãõ gostoza ,
 „ Onde tecendo mil Grinaldas bellas
 „ Serenos dias com prazer consumo.
 „ Além hum Throno de Jasmims , e rozas
 „ Me erigiraõ as Ninfas destes prados.
 „ Se errante pelos campos , sem azilo
 „ Ha longos annos vivo desprezada ,
 „ Lançando os olhos por campinas longas,
 „ Assaltada de Eolo , Boreas , Noito ;
 „ Agora em paz serena alegre vejo
 „ A meu Imperio as estaçoens fugeitas.
 „ Estes climas , que ves tão docemente

,, Respirando suaves alegrias ,
 ,, Por elles tem deixado a Cypria Deoza
 ,, Chithera , Gnido , Paphos , e outras Ilhas
 ,, Consagradas a sua formozura :
 ,, E por elles deixara o Cyntio Nume ,
 ,, Se os rubidos Ethontes aqoutando
 ,, Naõ levasse , e trouxesse ao mundo os dias ,
 ,, O mesmo ingente bipartido monte.
 ,, Quando passeia o nosso Heroe preclaro
 ,, Estes floridos graciozos prados
 ,, Lançando a vista sobre abertos livros ,
 ,, Que fizudo entre as mãos fustem parando ,
 ,, Das mais viçozas verdejantes eras
 ,, Premio das doutas frontes , reverente
 ,, C'uma verde coroa lhe circundo
 ,, A sempre grata magestoza frente.
 ,, Veraõ meus olhos inda vir hum dia
 ,, De imensos foes brilhantes coroados
 ,, Trazendo ao luzo Povo a alta noticia ;
 ,, Que ávido à tanto naõ debalde espera ;
 ,, Elizia venturoza em paz veremos
 ,, Sabio Ministro , liberal , e justo ,
 ,, Da maõ Augusta reeebendo as ordens ;
 ,, E ao publico focego as Leis ditando ;
 ,, Horridos Monstros , em catervas feias ;
 ,, Veremos d'entre nós fugindo irozos
 ,, Bramidos dando em pelagos cahirem ,
 ,, Onde jámais o triste pranto enchugem .
 ,, Tu que tens visto , e tu que alegre cantas
 ,, As açoens deste Heróe esclarecido
 ,, Agos

„ Agora he tempo , afina agrata Lira :
„ Soem por toda a parte os seus louvores ;
„ Em quanto d'alvas Ninfas rodiada ,
„ Pelos nudozos troncos dos loureiros
„ Em mil sublimes versos entalhado ,
„ De Vasconcellos deixo o nome illustre ;

Mais não disse : os angelicos acentos
Sobre as pennas dos Zefiros levados
Ficaráo longo tempo ressoando ;
Dali sahindo , a meus saudozos olhos
A patria terra pareceo estranha ;
Na fervida memoria recordando
Quanto a Deoza gentil permeditara
O claro dia que raiar não tarda
Dos gratos Luzos suspirado à tanto
Fiquei ledo esperando : entãõ vaidozo
Tentiando da Lira as aureas cordas
Do Sabio , do Famozo Vasconcellos ,
Alegre cantarei o Nome Illustre
O largo mundo atenderá meu canto ,
E de louros cingida minha fronte
Levantarei acima das Estrelas.



T E M P E S T A D E .

O Torvo Inverno sobre pardas nuvens
 Caminha à fós do socegado Lima
 C'ò sequito dos Austros furiozos.
 Em vão pertende Febo infatigavel
 O dia ornar de raios luminozos ,
 Que o monstro , que a soberba a natureza ,
 Lhe oppoem de escuras nevoas a barreira :
E apenas à affustada gente passa
 Huma luz duvidoza , tibia , escaça .

Os Vassallos de Eôlo
 Fria saraiva arrojão sobre a terra ;
 Troão os ares ; vejo accezo o pólo ;
 Movem-se os ventos n'uma mutua guerra ;
 Treme inquieto o mar , raivozas vagas ,
 Ora aos abismos os baixeis mergulhaõ ,
 Ora por entre as nuvens os entranhaõ ,
 E bramindo , e espumando
 Vão off'recellos a immortaes rochedos ;
 Que inalteraveis , quedos
 Lhes respondem raivozos
 Com sons desentoados , e horrorozos .
 O pavido Piloto entaõ desmaia ,
E em vão de longe vê a amiga praia .

Colhem ápressa a rede os Pescadores ;
 Nervozos braços , e robustos hombros
 Se applicaõ ao batél ; na arêa encalha :
 Tudo aterrado está , cheio de aõmbros
 Tudo fugir , tudo escapar trabalha :

Os tímidos Pastores
 Vaõ abrigar lanigero rebanho ;
 E os sollicitos pobres Lavradores
 Vem semente perder , perder-se o amanhã
 Dos campos , que o arado revolvêra ,
 E em que a sua esperança mal nascera :

Aos mansos animaes , ás féras brutas ,
 Aos leves passarinhos
 A tempestade encheo de horror , e medo ;
 Quaes se vaõ abrigar nas cavas grutas ;
 Quaes vaõ procurar longe
 Hum resto de vestidos arvoredos ,
 Que o Inverno não desfolha ,
 Tudo quer , quem o abrigue , e que o recolha :

Hum aligero bando de Amorrinhos ,
 Que saõ doce prazer desta campina ,
 Assustados , medrozos ,
 Se encaminhaõ á choça de Corina ;
 Corina , que entre féra , e gracioza
 Para abrigar Amores poucas horas
 Tem mais arte , que todas as Pastoras .

Quaes se yãõ esconder entre os doirados
 Fios de seus cabellos,
 Outros , quaes borboletas , são queimados
 Na luz dos olhos bellos ;
 Qual faz que a seus ouvidos
 Cheguem os meus ternissimos gemidos ;
 A qual ditozo toca
 Ir recolher-se na engraçada boca ;
 Qual dos labios lhe pende ,
 E a seu sabôr o rizo solta , e prende :
 Lá dois no niveo seio se revolvem ,
 Sobem e descem dois gelados orbes ,
 Que assim gelados, quem lhe chega inflamaõ ;
 Quaes nos roliços braços ,
 E quaes se estendem lédos
 Nas jasminadas mãos , nos lindos dedos.

Mas hum, que no meu peito eu sempre abrigo,
 Que eu nutro sempre , e vive , e está comigo,
 Sentindo o suçurrar dos companheiros,
 Do coração aos olhos se me assõma ,
 Rapido vôo toma :
 Meu dezejo atrevido he quem o guia.
 Gira Corina em rôda ,
 Desde a cabeça até os pés lhe desce
 Guiado do dezejo.
 Escondeo-se , occultou-se , eu não o vejo.

Lereno Selinuntino.

C A N Ç A Õ.

Qual enxame de abelhas susurrando
 Entre as mimozas flores,
 Vejo voar o bando,
 Lindo bando, de aligeros Amores:
 Poizaõ na areia as brancas azas feixaõ
 Arcos, e aljavas sobre a praia deixaõ.

Na branca praia hum circulo formaraõ,
 E o fogo, que feriraõ,
 Entre as quebradas astes atearaõ;
 Contaõ quanto fizeraõ, quanto viraõ;
 E entre rizados, contentes
 Zombaõ do mal, que tem cauzado ás gentes.

Qual mostra a maõ ainda tinta em sangue,
 Em que enfopara o ferro,
 Qual vem pintar o moribundo exangue,
 Que elle ferio por erro.
 Hum venceo com fereza, hum com afagos:
 Ouço affustado os seus cruéis estragos.

Ai que ouço hum solufando
 Sahe em soluços fria vóz partida.
 Tres vezes intentou chamar Erfando,
 Sahio-lhe a voz tres vezes dividida.
 E's tu, mancebo nobre,
 A cauza do feu pranto? elle o descobre.

Tu foste o que algum dia
 Com este amor travesso
 Em tua companhia,
 Levavas as Pastoras ao excessô
 De suspirar a teu fabor, e geito
 Fazendo arder o fogo em niveo peito.

Lembraõ-se os mais Amores,
 Q' em tu apparecendo,
 Hum bando de rivaes competidores,
 Em ciumes ardendo
 Hiaõ raivar ao longe desprezados.
 Só tu feliz quando elles desgraçados!

A verde Cintra o sabe:
 Ella guarda ternissimos segredos.
 Qual Ninfa teme o teu amor se acabe
 Vejo os Sustos, e os Medos
 Pintados em hum rosto,
 Em outros fazes reluzir o gosto.

Remaõ fortes membrudos Algarvios,
 E o escaler doirado

Vai rasgando do Téjo os hombros frios ,
Da outra parte esperado
Por travessos Amores :
Sofrem guerra os tranquillos amadores.

Infelices amantes !

Vai abaldar-se a publica ternura :
Para os dedos brilhantes
Olha com pasmo a nova formozura ;
Inquire-se em Erfando quanto o adorna ;
Ouve-se o som do oiro , que elle entorna ;

Chega-se á lauta meza ,
Fumaõ as exquisitas iguarias :
A infeliz pobreza
Sahe da sua porta em doces alegrias.
Tanto não era visto inda até 'gora ;
E o brio de hum pastor tambem namora.

Mas tudo está mudado !
Erfando não quer ser o que era dantes :
Já de tanto vencer enfastiado ;
Assustados amantes
Deicha agora em socego.
Quem sabe se elle quer mais serio emprego !

Quem será pois aquella ,
Que teve a forsa de fixar seu gosto ?
Quem pode conhecella ?
Que doce encanto deve ter seu rosto ?
Ah !

Ah! Mulher sobre-humana
Tens justa cauza para estar ufana.

Pastor, que variando
Tantos triunfos contas entre a gente;
Queira Amor, que fixando
Teu terno coração seja contente.
Canção, faze o que eu mando:
A mão do Protector humilde beja,
E dize que o seu servo isto dezeja.

Lereno Silu.



MEMORIAL.

I.

JA' que te chega a ventura,
Formosa Armania, taõ perto,
A quem de sublime altura
Nos rege com tanto acerto.
Ouve a voz pezada, e dura
De quem sempre vago, e incerto
Erra as sortes, que procura,
E de miserias cuberto
Vive dias de amargura
Crendo que o descanso certo,
Só terá na sepultura.

II.

Se podes perante o Throno,
Onde a sãa Piedade brilha,
De onde o seu torna a seu dono
A Justiça dos Ceos filha.
Dá seguro, e certo abono
A' voz de quem se lhe humilha,
Filho de honrado Colono,
Q' em soberba, e curva quilha
Dos ventos ao desabono
Foi ao novo Mundo, e Ilha
Sofrer o perpetuo sono.

Naõ

III.

Não cances a Magestade
 Com a triste , e longa historia
 De hum Pai , cuja lealdade
 Faz a sua , e minha gloria.
 E nem ha necessidade
 Desta destinação notoria
 Para a mover a piedade :
 Tenho de filho a vaa-gloria ;
 Herdei-lhe a infelicidade :
 Mas honro a sua memoria ,
 Tu sabes , que isto he verdade.

IV.

Desde o triste nascimento
 Fundara minhas razoes ;
 Se fora aqui meu intento
 Ir desculpar geraçoens.
 Mas sei , que o merecimento
 He baze das petiçoens ,
 E tenho em conhecimento ,
 Que não houve dois Adoens.
 Louvo o Grande Rei , que attento
 Da cor às vaa distincçoens
 Deu á minha cabimento.

V.

Basta-me , que se me desse
 Huma educação honrada ,

Que-

Que por ella conhecesse
Do meu ser primeiro o nada:
Q' a lei do Ceo aprendesse,
E que á do Throno ditada
Fiel sempre obedecesse:
E esta alma ao bem inclinada
Sempre buscallo quizesse
Da honra seguindo a estrada:
Meu merecimento he esse.

VI.

Affim de. remoto clima
Deixei do Sul o Cruzeiro;
Vi do Norte a estrella em cima
De muito maior luzeiro.
Nas margens do claro Lima
Eu me vi orfaõ primeiro;
E entaõ da fortuna opima
Vi o dia derradeiro.
Do louvor da minha rima
Só passando o anno inteiro,
Por quem tenho paõ, e estima.

VII.

Este pois , que a natureza
Me dera infeliz talento,
Da-me, sem me dar riqueza,
Esteril merecimento.
Vates vivem na pobreza
Pois do estro o atrevimento

Tudo , parece , despreza.
 Mas eu nisso vou com tento ;
 Pois fei por triste certeza
 Que se não vive do vento ,
 E versos não fartaõ meza.

VIII.

Se á occaziaõ pouco pelluda
 Vou pela grenha fuster ;
 Quero huma maõ , que me acuda ,
 Que só temo não poder ;
 E em lida honesta , e fizuda
 Quero ganhar que comer.
 Qu' o estudo o estro ajuda
 Eu ouço o amigo dizer :
 Que me socega assim cuda !
 Sim o estudo faz saber
 Mas mendigo não se estuda.

IX.

Alguem á sombra me ha posto
 Da sua propria ventura ,
 E me escuda ao vil desgosto
 Que me arroja á sorte dura :
 A vontade alhea , e gosto
 Ninguem conte por segura.
 Por esta porém aposto
 Conheço-lhe a fraze pura.
 Mas o barro assim composto

Quem sabe o tempo que dura :
E a que fustos ando exposto !

X.

Quem diria , quem diria
Quando o Grande Rei me honrou ,
E da facil Poezia
Agradar-se assim mostrou ;
Que de noite , que de dia
Gratamente me escutou ;
E a Real protecção pia
Franquear-me começou ,
Que tão pouco viveria ?
Mas não vive ; e eu pobre estou :
Sem emprego , e sem valia.

IX.

Sempre eu quiz , tu tens lembrança ,
O Estado Sacerdotal
E esperei com confiança
Sempre no favor real.
Este estado não se alcança
Sem bem patrimonial.
E a fatidica balança
Sempre a mim mo pezou mal ;
E eu fiquei só co' a esperança ,
Que não dá nem hum real ,
E que por velha se cança.

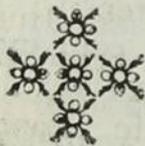
XII.

Que se cumpra esta promessa,
 Que me fez bens esperar,
 Parece justo, que eu peça
 E justo não se escuzar.

Merêça, Armania, mereça,
 Queiras meu cazo advogar,
 E seja com toda a preça
 Q' he meu contrario o vagar.

A Petição appareça
 Faze-a ler, faze-a tomar
 Hum lugar, que nunca esqueça:
 Tu sempre me has de lembrar.

Lereno fil.



T R A D U C Ç Ã O

*De huma Carta melancolica de M.^{me} Desi
Houlieres a huma Senhora , que per-
tendia ser Poeta &c.*

Que gloria! que capricho! que esperança
Vos tenta, e inquieta?
Quereis ser sabia? O nome de discreta
Sem disgosto, Amaranto, não se alcança.
Nem este nome hum tempo glorioso
Conserva nada em si de doce, e honroso.

Deste odiozo titulo oprimida
De nada val o seres virtuoza:
Basta ser por discreta conhecida,
Para em vaó pertenderes ser ditoza:

Eu sei que liberal o Ceo vos dera
Todo o esplendor de illustre nascimento;
Nem vosso genio espera
Mais premio, que nutrir vosso talento.
Tendes menos hum mal; mas ha peiores
Todos sem cura alguma em que meter-vos;
Que haveis de arrepender-vos
De haver-des desprezado os meus clamores;

Vereis sem vos cansar sempre aturados
Pedantes, e Poetas,

Que

Que vos haõ de gritar de ambos os lados
Com obras indiscretas.

Podereis suportar hum nobre tolo

Que a penas sabe ler, e em vossos versos
Decide como Apolo?

Nutre a murmuraçã peitos diversos:

Quem compra hum livro, he para rirse delle
Do longo estudo o fructo he só aquelle.

Ninguem lê porq̄ aprenda; e em varios modos
Só para murmurar he que lem todos.

Rides do meu temor; julgais quimera;

Vosso amor proprio diz-vos em sogredo,

Q' eu julgo mal, que não deveis ter medo
Do Censor rude à Critica mais fera.

Está bem: mas notai que entrando hum dia,

Onde a moda importuna ajunta a gente,

Mal vosso nome hum servo pronuncia,

Tomando hum tom diff'rente,

Corre esta vóz por toda a companhia:

„ A discreta ahi temos;

„ O discurso se mude a vóz mudemos.

De nova proza, e versos só vos fallã,

E entãõ vos asseguro,

Que para vos ouvir todos se callã;

E se em discurso emphatico, e escuro

Naõ respondeis; prometo

Que murmurando o auditorio inquieto,

Diga: he esta a Discreta, e peregrina?
Como ella falla, falla huma menina.

Ides ver ao Theatro hum Drama novo;
Para vós olha o Povo,
O Author tem em vós a vista fi&ta,
E nos vossos meneios só medita:
Por vós está alerta,
E se ao gosto da gente não acerta,
Do que se diz do Drama sois culpada,
A risco de sofrer a Muza irada.

Mas podeis responder-me:
Não tenhas esse medo inutil, vaõ;
Já mais em tal perigo espero ver-me,
Que eu fugirei a nescia multidão:

He verdade: porém como se evita
A raiva, com que espreita a Corte inquieta
A huma mulher discreta?
Como lhe hade escapar, quem nella habita?
Ahi o mesmo ar, que se respira
Tras contra quem escreve inveja, e ira.

Não he coiza de rizo: estamos todos
Forçados a viver, como escondidos.

Apenas de alguns modos
Publica em seus bramidos
A Deoza falladora,
Que da Lyra tirais a vós sonora;

Os homens , e as mulheres fogem , tremem
Mulheres , e homens responder-vos temem.

Ha genios bem adversos ,
Que não sofrem escuzas ,
E cuidão , que quem tem trato co' as Muzas,
Só sabe fazer versos.
Quanto ministra a Fabula à Eloquentia
E da historia se aprende!
Sofrem com impaciencia
E o saber mais do que elles os ofende.

Vendo-os n'um ar soberbo , e presumido ,
Que affectão escutando
Verso , que para elles não he lido :
Talvez se estaão bons votos esperando :
Ninguem se fie desta farsa uzada ;
Porque humas vezes não escutaão nada :
E muitas vezes mais nada comprehendem :
E assim acuzão huns , outros defendem.
Por dois bonitos toda a obra he boa ,
E toda he má se hum verbo mal lhe soa.

Terpe dessolacão , jogos proscritos
São feu estudo fero ,
E elles fallaão de Homero ,
E de Horacio , e comparaão seus escritos.
Confundem d'hum , e d'outro a Poezia
Tão conhecidos como tão diferentes ,
E as obras excellentes

Tratao como quimera, e zombaria.
Inimigos crueis de lingua estranha:
Tem a sua ignorancia por facanha.
Ainda tem a Corte alguns Senhores,
Que mais piedade tendo
Se ostentaõ generosos Protectores
Da sciencia, que está quazi morrendo.
Mas quanto ha de durar gente taõ boa?
Ah! Que eu já tremo! Eu sinto o sangue frio:
Lacheses, que a nenhum mortal perdõa,
Levanta o golpe contra o debil fio.

Que fareis vós entãõ!
Haveis de envergonhar-vos? confundir-vos?
Bella Amaranto, cantareis em vaõ,
Sem que huma só pessoa queira ouvir-vos.

Mais de hum exemplo triste vos segura
Desta pronosticada desventura.

A moda está passada:
Já o saber a todos desagrada.
Gente discreta para nada serve:
Fazei que se conserve
Destas fatais verdades a memoria,
Q' ella pode vencer
O vaõ dezejo de huma futil gloria,
Que dá muito pezar, pouco prazer.

Crede que eu bẽm o chego a conhecer;
E já mais na Hypocrene eu beberia

A ter a liberdade de escolher.
Mas ó dos nossos Fados Lei impia!
Ninguem se rege a si, o esforço he vaõ,
He mui violenta a nossa inclinação.
Fis verso antes de ter conhecimento
Do mal, que cauza este fatal talento.

Mas pois Vós não nascestes, que eu conheço,
Co' o infeliz talento, que aborreço;
Não, não vos apliqueis a estudo tal,
Q' he concorrerdes para o vosso mal.

Lereno Selin.



HEROIDA

THESEO A ARIADNA.

Inconstante Ariadna ambiciosa,
 Que por cobrir a fea aleivozia
 Depois de ser perjura és a queixoza;
 Essas ásperas queixas, que me invia
 Teu falso coração, formosa ingrata,
 Já não são, como as queixas d' algum dia.
 Tudo a fiel memoria me retrata,
 Fui a tua esperança, o teu conforto,
 Agora sou o roubador Pirata.
 Quizera o Ceo, que me chorassem morto,
 Por não sentir as penas, que hoje sinto,
 Antes de ver da infauſta Creta o porto.
 Achei de sangue humano farto, e tinto,
 Homem, e Toiro, o Monſtro, q' espalhava
 Morte, e terror no vaſto labyrintho.
 Vi lançar-se da torre, que habitava
 O Artifice engenhoso; e como aos ares
 Sobre as azas de cera se entregava.
 Filho infeliz, que deſte o nome aos mares,
 Quanto inveja Theseo a tua forte
 Depois de ter chegado aos patrios lares?
 Temeste, eu não o nego, a minha morte,
 Mudavel Ariadna! o laço estreito
 D'hú novo, e puro amor julguei mais forte.
 Da

Da tua bella mão o fio aceito ;
 Que me serve de guia: encontro , e luto
 C'ò formidavel monstro peito a peito.
 Livrei a Patria do fatal tributo ;
 Mas o premio maior desta victoria
 Era gozar do nosso amor o fructo.
 Que breve , oh Deozes , foi a minha gloria !
 Já sobre a não Cecropida nos vemos ,
 E eu me julgo feliz ; doce memoria !
 Reina a calma no mar , e nós perdemos
 De vista a Creta ; geme felizmente ,
 E escuma o sal batido de cem remos.
 Quatro vezes da noite descontente
 Rasgou a branca Aurora o vêo sombrio ,
 Abrindo as aureas portas do Oriente.
 Quando vimos o bosque , e a fóz do rio
 Alegre , e socegado , os marinheiros
 Conhecêraõ de longe a verde Chio.
 Pizamos logo os montes , e os oiteiros
 Offerecendo aos Deuzes tutelares
 Huma branca novilha , e dois cordeiros.
 No bosque inda fumavaõ os altares ,
 Tu dormias , as nuves se amontoaõ ,
 E principiaõ a engrossar-se os mares.
 Corro a firmar as ancoras : já soaõ
 Das ondas os rochedos açoitados ,
 E os ventos , e os trovoens o mundo atroaõ.
 Faltou a amarra : a meu pezar os fados ,
 Que tristissimos Fados ! me levarãõ ,
 C'ò as negras tempestades conjurados.
Sabe

Sabe o Ceo, que fadigas me custarão
 Então as tuas lagrimas, e penas,
 Que as minhas cà de longe acompanharão.
 Sem leme já, sem mastro, e sem antennas,
 (Vaõ ludibrio dos mares, e dos ventos,)
 As tristes praias avistei de Athenas.
 Ariadna occupou meus pensamentos
 Meu coração a teve sempre á vista,
 Para mais avivar os meus tormentos.
 Que fructo logras de huma tal conquista,
 Theseu amante, filho sem ventura?
 Quem haverá que a tanta dor rezista!
 O velho Egeo, que os Immortaes conjura,
 Por ver alegre o fim dos meus perigos,
 Teve no mar funesta sepultura.
 Entre applausos da Patria, e dos Amigos
 O triste coração suspira, e sente
 O duro amor, e seus sarpoens antigos.
 Por dar-te hum novo Reino impaciente,
 Espero, que depondo furor tanto
 Nepruno aplane as agoas c'õo Tridente.
 Duas Naos tenho promptas; mas em tanto,
 Espalha a Fama por diversas partes,
 Que o moço Bacho te enxugara o pranto.
 Que ambiciosa ao ver os estandartes
 Do alegre Indiano, e seus cabellos loiros
 Facil com elle o meu amor repartes.
 Se Reino, ou Fama, ou Gloria entre os vindouros
 Busca a tua ambição n'hum ser divino,
 Eu sou Theseu; Athenas tem thesoiros.
Egeo

Egeio fahio do Reino Neptunino,
 Na fatidica Não aventureiro,
 Eu vi o rosto irado ao Ponto Euxino.
 Não foi Jafão, nem Hercules primeiro
 Combater c'os Dragoens... tu suspiraste
 Vendo encher o meu nome o múdo inteiro.
 Inda me lembra o dia que apertaste
 Co' a minha a tua mão: dos nossos laços
 Por testemunha o mesmo Ceo chamaste.
 Tu não viste correr longos espaços,
 Que desculpaõ o frio esquecimento;
 E chego a ver-te alhea n'outros braços?
 He esta a fé devida ao juramento?
 Respon le ingrata, desleal, mais dura
 Do q a rocha, e mais varia do que o vento.
 Saiaõ do seio da lagoa escura,
 Que o mesmo Jove de offender recca,
 Negras furias, que o meu temor conjura.
 Empunhe a ingrata o thyrsõ, e sobre a arêa
 D'huma deserta praia os Tigres dome,
 Com que o seu novo amante se recrea.
 Com tanto, que o amor que me consome
 Em odio se converta... ah! que eu deliro
 E não posso esquecer-me do seu nome!
 Ventos, que me obrigastes ao retiro,
 Levai minha ternissima saudade,
 Conheça embora a ingrata, que eu suspiro.
 Possaõ servir de exemplo em toda a idade
 Os nossos nomes, despertando a historia
 Do meu amor, da sua variedade.

Sirva este meu tormento à sua gloria,
 Pague eu embora a culpa do meu fado;
 E roube-me das mãos outro a victoria.
 Porque não fui do monstro devorado!
 A minha desventura me guardava,
 Porque fosse depois mais desgraçado.
 Frondosos arvoredos onde estava
 Ariadna cruel, quando dormia,
 Ariadna, justos Ceos, qu' eu tanto amava.
 Vós amarellas flores, tu sombria
 Musgoza gruta, onde a infiel descança,
 Mostrai-lhe a minha imagem noite, e dia.
 Eu era o seu amor, sua esperança,
 O ultimo .. o primeiro .. oh Ceos! Perjura,
 Quanto me custa esta cruel lembrança?
 Não ha mais que esperar da sorte dura!
 Voai Remorsos a vingar-me: ao menos
 Rodeai-a no seio da ventura,
 E turbai os seus dias mais serenos.

EPISTOLA.

Meu amado Laurino, caro amigo,
 Q' em meus primeiros, e ditozos annos
 Me mostrou a Virtude, para exemplo,
 Que devesse imitar, e aquem seguisse
 Como modello d'hum perfeito sabio.
 (Sabio te chamo; não porque te mostres
 Ao mundo em vãos escriptos pedantescos
Carregados de drogas da antigualha;
 Porém tomo este nome venerando
 Nessa mesma accepção em que o tomavaõ
 Da Grecia, e Lacio os perspicazes genios.

Meu amado Laurino, já que a sorte
 Com cem algemas, e grilhoens pezados
 Meus infelices dias aferrolha,
 Fazendo com que eu gema qual forçado
 Ao remo da galé, e que não possa
 Dispor dos dias meus, não contentindo,
 Q' eu võe sobre as azas da Amizade
 Descansar no teu seio alguns momentos:
 Semelhantes a aquelles que passámos
 (Venturozos momentos, doces horas
 Q' em quanto eu respirar haõ de lembrar-me)
 Sobre as alcantiladas duras rochas,
 Q' asfoberbaõ do mar da minha patria
 As furiefas ondas; quando alegres

Sobre mil cousas uteis conversando
 Via-mos mergulhar o carro d'ouro
 Do Luminoso Sol nas ondas frias,
 Vendo os peixes saltar por entre a espuma
 Q' hiaõ correndo mil pequenos barcos.
 Pois que não posso caro amigo hir ver-te,
 Cà de longe envolvido nestes versos
 Meu coração te envio, e vou com tigo
 Nestes versos assim desafogar-me.
 Este nome de Amigo, ó bom Laurino,
 Que foi no aureo seculo tratado
 Como hum nome sagrado ah quaõ diferente
 Se entende nestes dias infelices
 Em que o mundo já velho, e delirante
 (Como tu dizes bem com muita graça)
 Vai seguindo o seu curso sempre à toa
 Qual Não sem leme, ou desbocado bruto:
 Eu julgava algum dia, que era facil
 A quem tinha hum caracter bom, e honrado
 Achar muitos amigos, que o amassem
 No mesmo justo gráo de fingeleza:
 Correrão annos, e correu a idade,
 Fui viajando o Sertão destes paizes.
 E achei outros aspectos, e outros ares.
 Fui conhecendo entãõ à minha custa,
 Q' há huma Divindade imaginaria
 A que os Mortaes errados todos seguem
 Q' incensaõ, que respeitaõ, que sómente
 Protestaõ antepôr os mais sagrados
 Deveres da Moral, ou Leis Celestes.

Eu

Eu fallo no interesse , Irmaõ ínteiro
 Do sãgaz Amorproprio mal guiado ;
 Do bastardo Amorproprio , naõ daquelle
 Q' a provida natura , em nós fixara
 Para motor de acçoens grandes , e nobres.
 Este monstro , ó Laurino , esta medonha
 Hydra Lernêa , que com cem cabeças ,
 E co' as trifulcas lingoas envenena
 Quantos chega a morder ; esta de todo
 Apagou da amizade as claras luzes
 Com seu halito , e bafo pestilente.
 Se Nafario me chama , por exemplo ,
 Seu caro amigo , e como tal me estima ;
 Naõ he porque me estime lá no fundo
 Do seu corrupto peito ; mas samente
 Porque julga de mim pode zombando
 Servir seu interesse em qualquer ramo
 Para que me achou apto. Caro amigo
 Tu que entendes as cousas como poucos
 Por mais breve que eu seja bem me entendes.
 Estima-se hum por ter mulher formosa ,
 Por ter formozas filhas , ou cunhadas.
 Outro porque em seus cofres entezoirá
 Mais riquezas , que teve Cresso , ou Midas.
 Aquelle porque o Ceo lhe dera hum genio
 Amigo de servir mesmo aos ingratos :
 Este porque costuma aos gabinetes
 Penetrar dos Ministros sem licença :
 Em fim por qualquer cousa em que se possa
 Fundar do interesse as esperanças.

Nun-

Nunca vi que hum mortal achasse amigos
 Só por honrado ser, sabio, modesto;
 He prezizo, que tenha alguma couza,
 Que sirva ao interesse dos amigos.

Eis-aqui tens o *Seculo illustrado*,
 Como os bellos espiritos lhe chamaõ!
 Miseraveis mortais, a quem a forte
 Deu hum singelo peito, huma alma nobre
 Senaõ quereis ser victimas nas aras
 Do Monstro, Deos do seculo, e dos homens,
 O vosso coração intacto, e puro
 Guardai-vos de entregar a amigos falsos.
 Triste de mim, Laurino, e de outros muitos,
 Que como eu amaõ da virtude as luzes,
 Se entre estas densas trevas, que nos cobrem
 Naõ vissemos os raios da Amizade
 Brilhar quaes em ti vemos, e na queilles,
 Que como ati o mundo naõ conhece.
 Guarda o Ceo estes poucos escolhidos
 Para que desta errada Humanidade
 Os defeitos encubraõ, e desculpem
 Para que naõ criemos raiva, e odio
 A' geraçaõ prezente, aos viz humanos.
 Eu podera entreter-te longamente
 Sobre taõ vasto assumpto, porém temo
 Ser-te pezado, ainda que conheço
 Quanto me estimas, quanto me desculpas!
 E assim pedindo ao Ceo teus dias guarde,
 Fecho esta Carta. A Deos Laurino caro.

Coridon Neptunino.

VANTAGENS, DA POBREZA,
E DA VIDA IGNORADA.

O D E.

F Unestos Lucros da fatal riqueza
Rasguem o peito da ignorante Plebe:
Corraõ a poz do ouro, e dos diamantes
Os Proceres soberbos.

As almas grandes pelos Ceos formadas,
E a grandes cousas pelos Ceos eleitas,
Tem na pobreza desprezada, e escura
Herança apetecida.

Esse, que ignora da sua alma o preço,
E que ante os olhos jamais virá a face
De eternas luzes, sempre radiante
Da candida Virtude:

Esse com pasmo, e estupefacto atólhe
Os abundantes chapeados cofres;
E já mais saiba, que a pobreza inculta
He thesouro inefavel.

Quem se afadiga por metal luzente,
Q' a tantos nega caprichoza sorte,
E que pallida furia do profundo
Abismo, á terra trouxe.

Quem

Quem mais dezeja possuindo muito
Entre as funestas retorcidas garras
Da roedora macerada Inopia
Atormentado geme.

Mas nada falta ao que dezeja nada
Feliz pobreza mais ditosa , e rica
Qu' a fulgurante pedraria , e sedas
Do lucido Oriente !

Que fatal quèda se prepara às Torres ;
Que pelas nuvens as ameaas lançaõ :
Já já feridas das procellas duras
São montoes de ruinas !

Fuma entre cinzas inclita Carthago ,
Cabem de Numancia levantados muros ,
Espartha , e Thebas , e a soberba Athenas
Só na memoria restaõ.

As de Corintho doricas columnas ,
Os de Palmiro porticos soberbos ,
O curvo arado apenas os descobre
Nos tortuosos sulcos.

Em quanto a rama o corpulento Cedro
No ar estende , e o Carvalho annozo
Raizes lança , furibundo raio
Inflama a verde pompa.

Mas

Mas leve colmo , que a cabana cobre
Do pastor rude , que repouza alegre ,
Seguro vê rasgar o Ceo luzente
Pela trifulca lança.

Sob os luzentes marchetados teços
Se aninhaõ tristes , funebres Cuidados.
No leito mole , de mimosas plumas
Vélaõ impios Dezejos.

Com as estatuas de alabastro , e jaspê ,
Que a vaidade á vaidade erige ,
Entre suspiros , e amargozo pranto
Tem a Tristeza hum busto.

Passa avexado pela turba inerte
De mil Clientes , que a lizonja guia ,
Grande Ministro de quem pende a forte
De Reinos , e d' Imperios.

Mais pèza o Sceptro , e abrilhante Crôa ,
Qu' adorna a frente do Monarca altivo ,
Qu' a vil cadeia , que o forçado arrastra
Na profunda masmorra.

Elle no trono de brocado feito ,
De mil espadas sempre ali guardado ,
Já mais seu peito placido socega
Nos braços do repouzo.

O' tu Pobreza sacrosanta , e justa
Da-me os teus braços n'um amplexo doce
Em paz me leva ao Sanctuario occulto ,
Dos solidos prazeres.

De hum borel tofco rodeado o corpo ,
E sobre o feno reclinado alegre ,
Enchutos olhos para o Ceo levanto
Vejo tranquilo os Astros.

Volvaõ as rodas inconstantes todas ,
Tornem Imperios em Theatros tristes ,
Onde as cabeças decepadas pulem
Dos Varoens desgraçados.

Ou veja o rico nas opimas mezas
Brindando em copos de esmeralda , e oiro ;
Onde espumantes rubicundos fervem
Os licores do Rheno.

Eu bebo em couchos de cortiça apenas
As doces agoas de huma fonte pura ;
Porém não temo nos agrestes copos
O livido veneno.

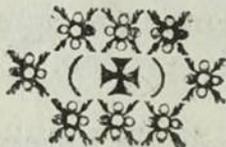
Se huma Berlinda de vernis Chinense ;
Tirada á força de frizoens soberbos ,
Não me conduz nas espaçozas praças
Com assombro das gentes ;

Eu sei , que apenas o supremo Nume
Vestio de rudes abatidas pelles
Os frageis membros do mortal humilde ,
Que tanto se levanta.

Aos pés te calco sanguinoso Monstro ,
De eternos males sempre rodeado ,
Ambição cega , que os mortais illudes ,
E ao precipicio os levas :

Em quanto o sabio de paixoens izento
Possue o Mundo , possuindo nada ;
Porque he contente co' a pequena herança,
Q' a sorte lhe deixara.

Elmiro Tagidio.



O D E
S A P H I C A .

P Or mais que a sorte m' elevasse ao cume
D'onrozos cargos , de poder supremo ,
Q' os ferreos cofres de metal luzente
Provida abrisse ;

Nos regios paços do palacio altivo
Por entre as mezas muzicais Artistas
Meu grande nome retumbar fizessem
Nos aureos tectos ;

Q' o Orbe inteiro admirasse atento
A longa serie de montoens de glorias ,
Que nunca viffe temeroza a meta
D'ultimo dia ;

A alma grande d' hum nascente Vate
Só por ventura por prazer tivera ,
Se a branda Tirce de meus ternos olhos
Astro brilhante !

A altiva Lyra , que as phalanges guia
D' eterno hymnos , que seu nome entoão
Nas partes quatro do terraqueo globo
Placida ouviſſe ;

Entoão ornando de virente rama
A altiva teſta , com prazer chegara
Nas pandas azas d' alegria à immenſa
Lucida Eſphera.

Só ella pode c' hum ſó leve rizo ,
C' hum terno agrado , c' hum virar dos olhos ,
Fazer-me igual aos Cidadaõs do Olimpo
Inclitos Deozes.

Marisheu Ultramarino.



A^s ILLUSTRÍSSIMA , E EXCELLENTÍSSIMA
SENHORA
CONDEÇA DE POMEEIRO ,
NO DIA DE SEUS ANNOS.

Hoje he dia de oblação,
E eu trago do meu tezouro
Coizas, que já raras são:
Valem mais que prata, e ciro,
Pedacos de gratidão.

Trago palavras, Senhora,
Q^e offertar-vos: não duvido;
Ralhe o Mundo muito embora,
Q^e expreçoens de agradecido
Não são de lançar-se fora.

Mas d'isto não venho mal;
E se eu mesmo testimunho;
Q^e ante vos ser grato val:
Da gratidão com o cunho
Trago muito cabedal.

Trago dos meus companheiros,
Os que vos servem commigo;
Q^e ahí vedes prazenteiros,
Parabens de cunho antigo
Singelos, e verdadeiros.

Qual

Qual diz: que aos Ceos vos pedio ;
E que do Ceo vos julgou ,
Apenas vos descobrio ;
Pois ás que o Ceo vos doou ,
Graças iguais nunca vio .

Qual vos vio entre as mantilhas ,
E logo , em belleza , diz :
Que podieis dar partilhas ,
E mostra que as repartis
Pelos filhos , pelas filhas .

Qual vos trouxe nos seus braços ,
E qual pelas andadeiras
Vos teve emprimeiros passos :
Qual conta as graças primeiras ,
E pueris desembaraços .

Por todos se nota então
Quanto mais fieis crescendo
Hia crescendo a razaõ ;
Mais , e mais aparecendo
Formozura , e discriçaõ .

Trago entre tantos louvores
Com o toque da verdade
Agradecidos clamores ,
De vozes de toda a idade ,
Gentes de todas as cores .

Reparai bem no alvorço
De mim, e de todos estes :
Reparai no asseio nosso :
Para tanto vós nos destes ,
Quanto vedes tudo he vosso.

Mas aqui não pareis , não ;
Veja o vosso entendimento ,
Qual vem nosso coração ,
Que tras agradecimento
Por cambio de gratação.

Tomemos hum tom mais alto :
Convem à honra do dia ;
Saiba o Mundo que eu não falto ,
Dando em signal de alegria
Até nos verfos meu salto.

Dos outros dice até-qui ;
Agora de mim direi :
Que logo quando vos vi
Desde então presaguei
Cumprio-se o que eu antevi.

Inda nas fachas honraсте
Minha rude cantilena :
Já quando então me escuraste ,
Sempre ao som da minha avena
Piedosos olhos voltaсте.

A minha uzada amargura
Diminuir-se eu sentia :
Cuidei que era a formosura ;
A cujo esplendor fugia
Minha feia má ventura.

Batia o meu coração ,
Qual podia se expressava ;
Elle me dizia entãõ :
Qu' em vossos dias estava
Dos meus a consolação.

Quando na desgraça minha
Jozé estancou meus ais ,
Roguei ao Ceo , qual convinha ,
Desse aos outros grandes mais
Almas , como a que elle tinha.

Ouve o Ceo meus gritos lasso ;
Foi a minha voz ouvida :
Teceo estes doces laços ,
Eis-sua alma à vossa unida
Já nos daõ dignos pedaços.

Possa atãõ justa uniaõ ,
Segura em doces affectos ,
Respeitar do Tempo a maõ ,
E os Netos dos vossos Netos
Recebaõ vossa benção.

Quando vai meu voto ardente
Revoando ao Ceo assim :
Sabe o Deos Omnipotente ;
Que não sois só para mim
Sois o bem de muita gente.

Portugal , que não se esquece
Do que dos vossos lhe vem ;
E medita o que carece ,
Pede comigo tambem
Q' he feu o mesmo interece.

Nega-me o Ceo cabedais ,
Qual seja a razão não fei ;
Porém como vós vivais ;
Mais nada ao Ceo pedirei :
Vivei , não dezejo mais.

D. C. B.

THE HISTORY OF THE

... of the ...

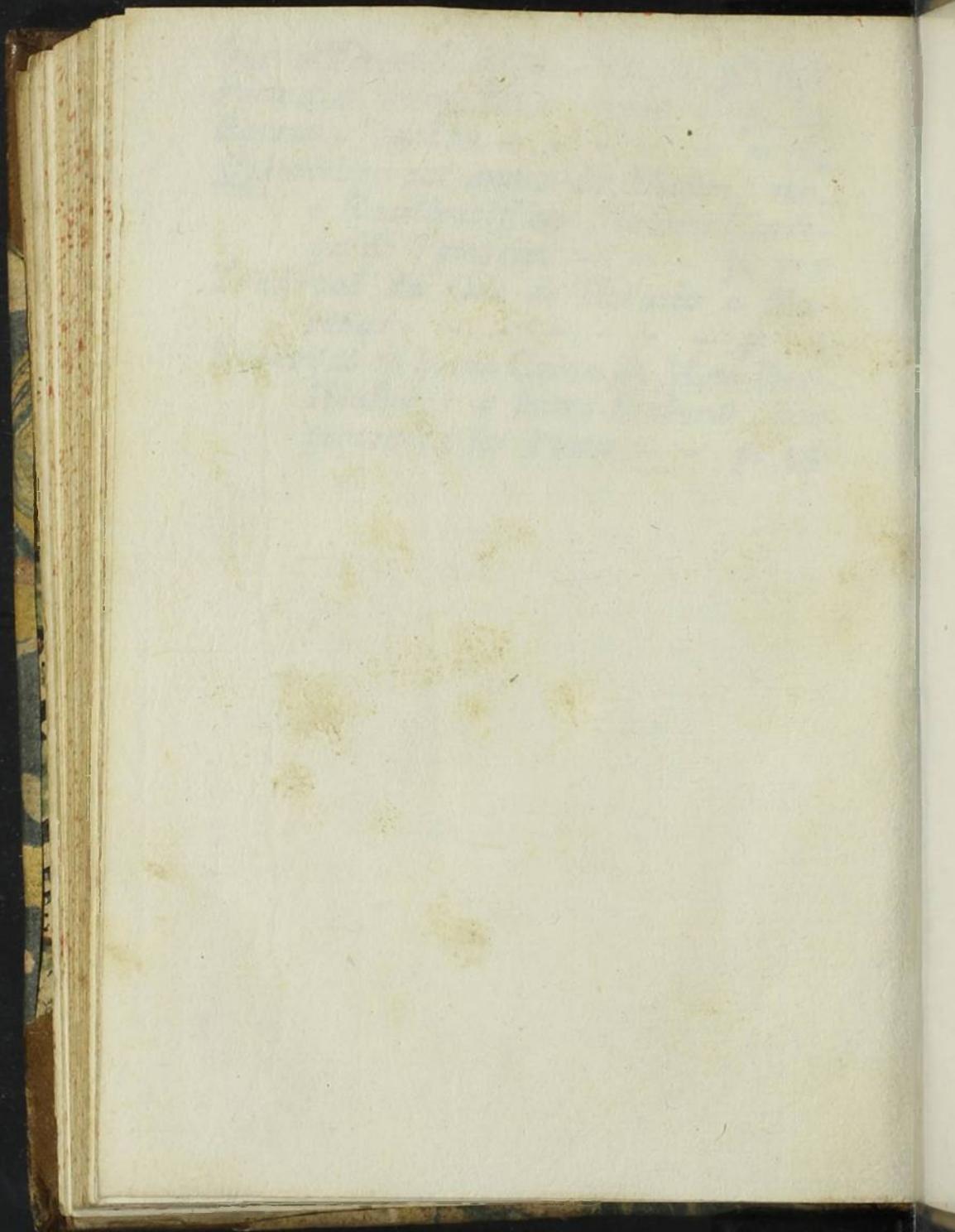
INDICE

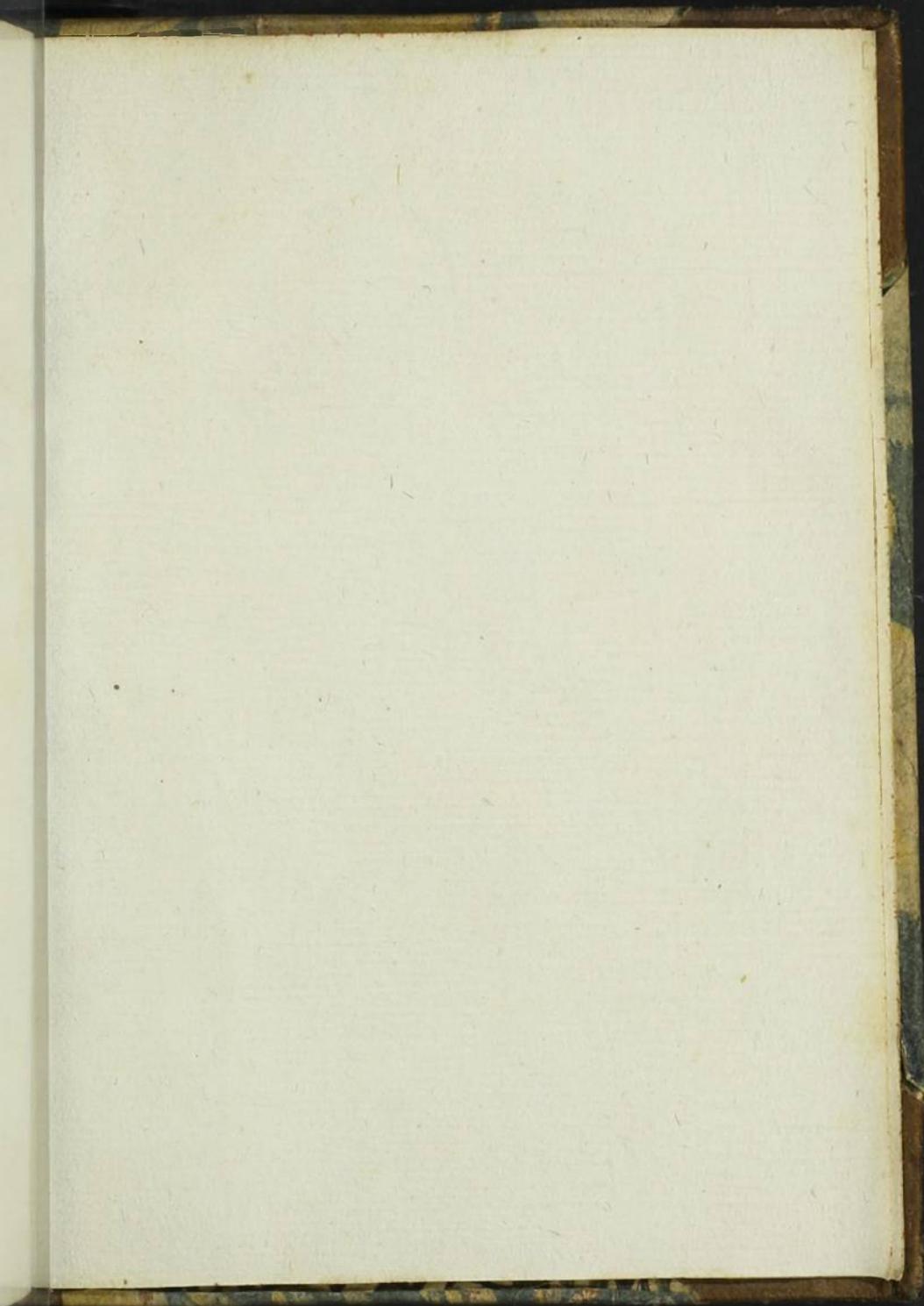
DAS OBRAS, QUE CONTE'M
esta terceira Parte do Almanak
das Muzas.

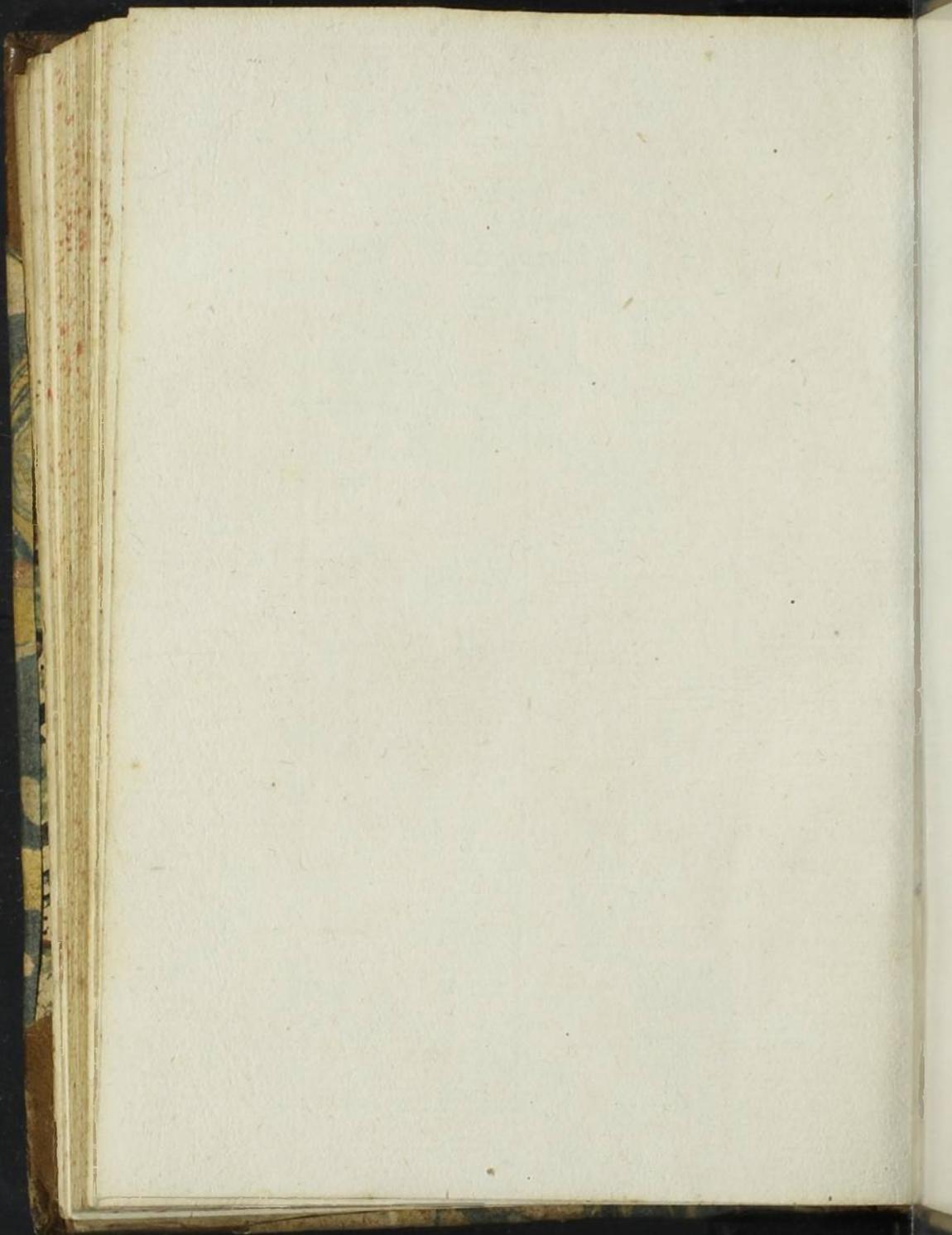
B <i>Ilhete de boas festas , e annos bons - - - - -</i>	<i>pag. 24</i>
<i>Cançoneta Dithyrambica - -</i>	<i>p. 52</i>
<i>Cançoneta premiada pela Academia Real das Sciencias - -</i>	<i>p. 56</i>
<i>Cançoneta o Amor convertido em Abe- lha - - - - -</i>	<i>p. 61</i>
<i>Canção a Erfando - - - -</i>	<i>p. 85</i>
<i>Dithyrambo nas faustas melhoras do Serenissimo Principe do Brazil o Senhor D. JOÃO - -</i>	<i>p. 27</i>
<i>Epistola a Laurino - - -</i>	<i>p. 106</i>
<i>Heroide Theseu a Ariadna -</i>	<i>p. 101</i>
<i>Idilio o Fauno - - - - -</i>	<i>p. 65</i>
<i>Idilio os Lagarciros - - -</i>	<i>p. 35</i>
<i>Lebreida , ou caçada Real das Le- bres - - - - -</i>	<i>p. 6</i>
<i>Memorial - - - - -</i>	<i>p. 89</i>
<i>Ode a Amizade - - - - -</i>	<i>p. 50</i>
<i>Ode Vantagens da Pobreza -</i>	<i>p. 110</i>
	<i>Ode</i>

Ode a Tirce - - - - -	p. 115
Poema a Tempestade - - - - -	p. 82
Poema o Jardim - - - - -	p. 74
Quintilhas aos annos da Illustrissima, e Excellentissima Senhora Conde- ça de Pombeiro - - - - -	p. 117
Tradução da Ode de Horacio a Me- cenas - - - - -	p. 3
Tradução de huma Carta de M.me Des- Houlieres a huma Senhora, que pertendia ser Poeta - - - - -	p. 95

1777
1778
1779
1780
1781
1782
1783
1784
1785
1786
1787
1788
1789
1790
1791
1792
1793
1794
1795
1796
1797
1798
1799
1800







17637

